

Eva

Léo Cote



EVA

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Léo Cote
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Eva

AUTOR

Léo Cote

REVISÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

CAPA

Rita Múrias

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO

Outubro 2021

ISBN 978-972-27-2977-2

EVA

Léo Cote



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

CAPÍTULO I

No princípio era o vento. Na sua forma vazia vinha tocar as suas faces e a separação da rua. Em sua porção seca o lixo voava elegante. Um ajuntamento de areia e água dava abundantes frutos, enchia uma pequena passagem de água e multiplicava pequenos roedores e baratas. E eis que era bom, porque nele descansava tudo o que era putrefacto. Ali não brotava erva, mas tinha um verde rústico que não se podia ver.

Um vapor, porém, subia, de vez em quando, do silêncio da rua. Era um homem em passo nervoso. Parou a todo fôlego.

— Quanto é?

— São 100!

Vinha um sopro do pó da terra para os seus narizes.

— Ok.

— Vamos!

Entraram numa rua estreita. Maldita era aquela rua do que todas as ruas. Era o inverno que fazia ela mais fria. Levantou a saia comprida, depois de parado o passo, e inclinou-se para o oriente. Uma espada inflamada abriu-lhe a fresta em flor. O homem segurava-lhe a cintura farta. Era o princípio da dor.

Aconteceu-lhe ao cabo de uns minutos sentir a volúpia subir-lhe os poros da pele. O homem fazia-se fortemente a ela. Mordia os lábios para se conter, pois jazia à porta o desejo. Dominada, aduziu.

— Estás a demorar, moço!

— Eu pago.

Eva contorcia o corpo.

— Estás a demorar, moço!

— Hei de pagar.

E conheceu Eva o gozo entre os movimentos convulsivos e tensos e o ofegar asmático do homem, e no começar a multiplicar-se um certo desfalecimento. E viu o homem que Eva era formosa. E tomou do seu bolso umas notas e atirou-as, e foi seguindo a rua enquanto ajustava as calças e a camisa. Aquilo pesou-lhe a mão ao apanhar as notas. Olhou Eva a rua solitária e escura. Pegou um lenço húmido de sua bolsa e limpou-se. Vinham pequenas porções humedecer-lhe as faces. E caíam de duas em duas cada vez mais rápidas. Eva correu para o fim da rua, em sentido contrário, para se esconder da fina chuva que começava a tomar volume. Entrou num

pequeno hotel. O segurança não fez caso. Manteve-se em conversa com um outro como se ignorasse a sua presença. Ali ficou horas em pé. Os pés reclamavam repouso. A chuva crescia. Tudo o que havia no seco molhara.

Desta forma, foram desfeitas todas as manchas e marcas, desde os pés dos homens na praia ao sangue acabado de jorrar na rua, ao lado, em uma troca de tiros, e o cuspo lançado no chão, até à urina das árvores. Pairava apenas o cheiro putrefacto acabado de fabricar.

Um vento húmido e frio aquietou as águas. E esperou ainda outros tantos minutos. Então, Eva tirou um sobretudo da bolsa, porque chuviscava e olhou a rua, eis que a rua estava deserta, ouvindo-se, aqui e acolá, apenas o cair contínuo da água de alguma loja ou sobreloja. Um vento empurrou uma nuvem enorme e lembrou-se Eva que enquanto a terra durar haverá sementeira e rega, frio e calor, verão e inverno, dia e noite, sem cessar.

Descobriu-se na paragem. Compenetrou o corpo no seu sobretudo. Apanhou um chapa que ia da Baixa, passando por Xiquelene, para Albazine. Sentou-se sob o canto da janela esquerda, o machimbombo subia a descida da Guerra Popular, deixando para trás uma padaria e o templo hindu à esquerda. Já era o Mercado Mandela uma babel, quando saiu o sol e Eva entrou nas mantas.

Acordou. E antes de qualquer coisa, pôs água a aquecer e depois a colocou numa bacia, onde meteu os seus pés, aquilo constituía a porta dos aborrecimentos do corpo, aliviava o desconforto. Os pés estavam cansados e doloridos quando os pôs na água. Conhecendo, logo de seguida, um extenso alívio, foi-se ao banho. E esboroaram-se as últimas teias de sono e cansaço.

Levantou Eva os seus olhos e olhou entre os pés, as suas coxas fartas e os seus seios tenros. Olhou-se nos olhos e o espelho apenas refletia a sua imagem como se perguntasse: Quem és tu? E aturdiu-se, pois o homem se apegou ao seu espírito. «Eis que a terra tem mulheres afartar-se, porquê àquele sadismo afoito como se viesse a um morto e o saqueasse, despojando-me da dignidade de ser eu mesma. Turbou-me, fazendo-me cheirar mal», assentiu ela. Assentou-se na cama, porque via que era grande o seu desconcerto e se deixou ficar ali minutos a fio. Sabia que nenhum presente ou dinheiro a restauraria do que sucedera, não havia lixívia que removesse aquela nódoa.

Espreguiçou o corpo e usou, logo de seguida, um vestido bonito, e como tivesse fome foi ao fogão a ver se cozinhava, pôs-se a cantar uma canção alegre enquanto confecionava algo. Embora a fome crescesse, Eva não parava de cantar. Tomou os mais diversos temperos, um pouco de tudo e algumas amêndoas

e adicionou ao caril, enquanto o arroz abafava. Eva arrumou a mesa para passar a refeição, pôs o prato, os talheres à esquerda e à direita, à parte as panelas sobre suportes, o copo e a garrafa com água. Assentou-se. E pôs-se a deliciar aquela refeição.

As primeiras sombras do pôr-do-sol entravam pelas janelas, lavou a loiça e foi apanhar um pouco de ar no quintal da casa. Levou uma cadeira e sentou-se. Contemplava o cair do sol e suas cores vivas e arrojadas. Aquilo acordava certa nostalgia, não fincou o pé, voltou para dentro e pegou um livro e pôs-se a lê-lo.

Eva não se conteve ao lê-lo, pois àquela parecia servir para a conservação da vida, na comoção que sentiu ao lê-lo em voz alta.

*O poema é uma casa vazia aceso
a árvore distante com magnólias hastes
ritmo apressado de quintal enigmático
como o terror que há sempre no fundo
informulado de uma vida
como o relógio a desaguar de suas guelras
seus minúsculos poros de dedos rasgados
de extasiados medos
como argolas cinzentas postas nas cinzas
dos cinzeiros
húmidas mãos sentadamente complexas
como casas absolutas*

*atravessando seu próprio impulso
ao beber do seu próprio jarro de água
a adormecer os cinzeiros
e as beatas tomadas de susto
ou como drogarias sensíveis
sob os ossos das mãos tangíveis
com verões crepusculares em seu tempo futuro
algas argutas e destiladas de energias
sem as orelhas absurdas de ouvir
lugares longínquos
como corpos cansados copos que não se dão
em vão
lugar-silêncio ou triste noite
feito de casas altas ou de seus próprios campos
de mortos e de medos sentadamente extasiados*

Ali se suspendia a irônica existência. Tomou uma parte de si e pôs-se compenetrada. No entanto, um som entrecortado chegava pela janela, levantou a cabeça e viu um vulto no portão. Pousou o livro e saiu. Abeirou-se ao portão.

E apareceu-lhe o vulto e olhou, e eis uma bela mulher que a beleza parecia não se consumir pelo tempo.

— Oh, desculpa incomodá-la. Boa tarde!

— Não me incomoda. Mas tens a certeza que é aqui que querias bater?

— Ah, sim, senhora!

E vendo que ela virava a cara para os lados e para o chão, sorriu, ao vê-la temer olhá-la e a aflição que não conseguia disfarçar. Reclinou o pensamento: «Eu sou o que sou»!

— Bom, vizinha, venho aqui porque a dois quarteirões morreu alguém e como é de costume a comunidade decidiu estender a mão à família enlutada, contribuindo para aliviar os custos do funeral.

— Oh, tudo bem! Um momento. Não deixarei de estender a minha.

Voltou ao interior da casa, demorou-se por cinco minutos, retornou. E eis que a jovem mulher estava ali parada.

— Sabes, vizinha, eu não sou eloquente.

— Hum, a que propósito vem isso?

— Sabes, é que vim aqui debaixo de protestos.

— Ah, relaxa, já estou habituada a isso. Não te perturbes.

— Oh, desculpa-me, eu tinha que te dizer.

— OK, entendo.

— Agradeço a tua generosa contribuição. Deixar-te-ei a par do que for passando. Tchau! Até breve.

— OK, até...

Regressou para dar conta da leitura e colheu outra distração, gastou ociosas horas a refletir sobre a existência, a vida e a morte. Contudo, tinha que dar conta da leitura, da tarefa da sua hora na

sua hora. Sentia que tanto a leitura como aquele peregrinar de ideias tirava-lhe debaixo da carga de todos os dias, dessa servidão sem alívio, ao resgatar o belo e a clarividência, que lhe escapava por causa da ânsia do espírito. Obstinou-se naquele périplo, bebendo a água do rio. Eva, apesar do seu ligeiro abatimento, mostrava-se cheia de vivacidade e entusiasmo.

Ser entusiasta era a sua função social. Mesmo quando não tinha especiais motivos para tanto, mostrava-se entusiasmada para não se deixar abater, mesmo em uma clara desilusão. Pois sabia que o abatimento não era senão uma armadilha. Deteve-se repentinamente, e riu-se da sua própria assertiva. O pensamento de Eva foi-se enchendo, pouco a pouco, de toda sofisticação, dos silogismos mais diversos pelo acerto e pelo carácter, passando-os vagarosamente. E em seguida, afastando-os.

A cada pensamento e sob o claro sorriso e os alvos dentes sempre à flor dos lábios, deu a volta à mesa, compondo o vestido, como se tudo aquilo constituísse um agradável espetáculo. «Ah, veja como me vesti ataviada!», infletiu Eva.

Muito bonita e de formas demasiado opulentas no mais elegante vestido saiu. Na paragem apanhou o primeiro machimbombo que aportou, passou pelo corredor amavelmente, não olhando para ninguém, como que dando a cada um o direito de admirar a

sua beleza, a notável beleza do seu corpo, das suas coxas bem torneadas e a vivacidade de sua beleza facial, sem mostrar uma sombra de afetação.

Durante toda a viagem ficou sentada, perdida na janela, olhando, de vez em quando, para alguma singularidade. Ela impressionava pelo extraordinário sorriso alegre, levando vivamente os olhos à janela. Alguém falava em tom alto como quem só apreende o sentido do que diz depois de ouvir as suas próprias palavras, se atendermos a sua ousadia e o seu falar alto e entusiasticamente alto e excessivamente animado, com grande cópia de gestos e perdigotos.

Tinha o dedo em riste e endureceu a voz, não ouvia o cobrador, de maneira que continuou a falar, como se ele não estivesse ali à espera que pagasse o bilhete da viagem. Ninguém se levantou do seu lugar, entreolharam-se apenas. Eis que Eva surgiu:

— Cobrador! Estou a pagar para mim e para este senhor.

Ele corou. Mas não se fez de rogado. Neste momento, Eva reparou no seu olhar de fadiga e o enfadamento no seu passo lento e igual, contrastando com a vivacidade de há pouco. De todas as fisionomias, aquela parecia-lhe singular e conhecida, dirigia-se à saída. Estugou o passo e o encontrou. Aquele ao ver o rosto sorridente que o fitava, teve também um sorriso inesperado, bondoso e agradável.

Queria dizer alguma coisa, mas não lhe saiu nada. Desceram e foram a caminhar, lado a lado, em silêncio. Eva continuava com o mesmo sorriso a iluminar-lhe o rosto.

— É muito bonita. — Notou este.

Sentia um bafejo de gentileza. Ignorava certamente todo enfado que sentia. Eva olhava, com um sorriso, as minúcias daquele homem, apesar da sua experiência, ficara intrigada. Não sabia que detalhe olhar, olhava vários, sorrindo. Isto fazia o homem perder o rosto sério, surgindo em seu lugar um rosto bondoso e tímido. Era contagiante a sua gentileza de modos. O homem, corado, não sabia o que dizer.

Eva sempre sorridente parou, o homem avançou seus passos e voltou-se, olhando-a. Aquele sorriso nada queria dizer senão «até outro dia», compreendia involuntariamente isso, embarçou-se e seguiu Eva já a meio da rua. Ela, com aquele vestido, sabia chamar atenção de olhares e desejos, em seu gingar gracioso. O homem encolheu os ombros e seguiu caminho.

Viam-se as montras como se as perspectivas da vida se fechassem àqueles objetos nos mostruários. E tal qual ela é subiu-lhe rápido a ideia de ter-se enganado cruel e imediatamente, como se aniquilasse tudo o que há de bom e nobre nela. Modificou a sua fisionomia com um bondoso olhar. «Ah, se eu

pudesse saber o que são as mulheres da sociedade! As suas nulidades ou o que têm de nobre!» O rosto sorria as ideias mais consoladoras. «Sou livre e, contudo, não sei que caminho seguir. Mas que outra coisa posso ser? Na minha vida, a que posso chamar de social, se misturavam ostensivamente orgias, bebida e tolices. Embora paguem as minhas contas. No entanto, nela não me é permitido refletir».

Era aquela uma noite amena. A vida alongava-se-lhe pela rua deserta, em seu passo distraído. Desejou, de repente, tão vivamente estar em casa e acolchoada em sua cama a ler um livro. Chegou junto do hotel do dia anterior. Olhou pelo vidro e viu garrafas vazias sobre o tampo do bar, ouviam-se vozes e gritos de gente agrupada junto ao bar. Não conseguia ouvir o que diziam. Virou-se e deu as costas ao vidro. Deteve-se ali.

Eva manteve-se ali parada na mesma posição. Parecia-lhe ter passado mais de meia hora. De repente, chegou uma voz pelas costas, e o corpo estremeceu ligeiramente.

— Moça, queres trocar uns copos connosco? —
Eva não se voltou, nem voltou à cabeça.

— Ora, ora! — Disse Eva. — São 500 pela companhia, tens?

Chegou-lhe pelo lado direito 500. Perturbou-se. E virou-se, depois de ter pegado a nota, enquanto a colocava na bolsa. Então, o seu espírito se moveu

involuntariamente e viu o homem alegre e cuidadosamente barbeado, que lhe passou o braço esquerdo pelas costas e a conduziu para junto do bar, ao passar a porta e aproximando-se de outros dois homens. Este tinha o aspeto de homem que gosta de se rir e que sabe rir, meneava com a afetação uma cópia de gestos e palavras em português muito correto a mistura com expressões e palavras em inglês.

— Então, Mito, cuidaste de tudo?

— Sim, cuidei. — Anunciou com voz grave um dos homens encostados no balcão.

— O que importa é que o serviço seja perfeito.

— Já está, não te rales.

O homem alto, forte, de ar altivo, que a abraçava fez a chegar ao balcão. Eva ouvia uns ruídos de vozes de mulheres que se interrompiam uma à outra numa conversação animada. A conversa decorria em torno do último escândalo público de um cantor e uma cantora popular, enamorados ou casados. Quando se chegaram ao balcão, sorriram.

— Mas o que se passa, já não há bebidas? — Perguntou uma delas.

— Ah, minha querida, nada disso! Mais uma rodada! — Aduziu um dos homens. E todos saíram às gargalhadas.

— Está decidido, hoje vamos beber até morrer.
— Acrescentou o homem.

CAPÍTULO II

Acordou aturdida. O homem olhava-a com um sorriso afável. Ouvia-se, vindo de um compartimento qualquer da casa, uns passos. Eva levantou--se apressadamente.

— Calma, Eva, não te apresses, é apenas a minha empregada. Podes ir tomar banho nessa casa de banho ao lado.

— Ah, OK! Obrigada. Escondeu o seu corpo no lençol e pôs-se a apanhar as peças de sua vestimenta e a bolsa. E dirigiu-se ao banho. Entrou na casa de banho. Instalou-se no chuveiro. Ao regressar ao quarto, já vestida, o homem interpelou-a.

— Parece-me que queres partir já, Eva? Vais precisar de táxi?

— Não, obrigada. Vou de chapa mesmo.

— OK, aqui está a parte que combinámos. — Deu-a 500 meticais.

Não tendo mais nada ali a fazer, e, sem nada a dizer, despediu-se e saiu suavemente pela porta traseira. O homem reparou na Eva, perante sua insistência em sair pelas traseiras, encolheu os ombros, gracejando.

— Que se há de fazer? — Disse o homem, que a comia com os olhos, mostrando-se simpático e gentil. Fazia esforços por dizer qualquer coisa agradável e que a demorasse e não achava o quê. Enquanto Eva descia a escada, o homem a observava até a perder de vista.

Quando Eva saiu do prédio de poucos andares, dirigiu-se para casa. Experimentou um prazer novo e particular em tudo aquilo. Fatigara-se tanto com aquela fanfarra que resolveu ficar em casa. Queria conversar a sós consigo mesma. Eram, ao mesmo tempo, alegres e comovedoras aquelas risadas que lhe ficaram no espírito, aquele espetáculo excitado de máscaras e divertimento. Evidentemente, mostrava-se mais amável para aquela fresca memória do que de ordinário. Dormiu logo e, embora contido, esboçou um sorriso. Durante toda a manhã e metade da tarde passou na cama.

Eva levou algum tempo a abrir os olhos, mas, quando o fez, movimentou-se e pôs-se sentada, encostada à parede que se ligava à cama. Sorriu ao recordar-se daquele rosto encantador, inteligente e decidido, sentindo uma ternura sem sentido por

aquele homem ou tendo vontade de rir sem saber porquê. A distração preferida dela, depois da leitura, à parte a música, de que gostava muito, era o da reflexão. O homem falava com precisão enfática e afetação, embora não perdesse em correção e elegância. Nunca falava de si, em contramão aos seus dois amigos, que se concentravam por horas a tagarelar sobre si, fazendo os outros experimentar ou sentir um certo constrangimento. Ficava imóvel a escutá-los, com a paciência demorada de um sábio. Mas logo que a conversa saísse desse foco, falava abertamente e com visível prazer.

No entanto, os seus amigos não notavam, nem suspeitavam que ele tivesse interesse diverso deles. Daí o seu egoísmo juvenil em não se calarem ou se mostrarem impacientes ao ouvi-lo, tornando-se fastidiosos sem se aperceberem. Quando o homem se calava acenava a cabeça ou respondia por meio de monossílabos.

Ouviu pedaços do bater do portão. Eva levantou a cabeça e dirigiu o olhar para o portão. Ela viu alguém detido no portão, erguendo a sua cabeça e olhando como se procurasse alguém. Aproximou-se do portão, esboçando um sorriso.

— Boa tarde, vizinha! Então, ainda te lembras de mim? — Avançou a vizinha.

— Ah, sim! Como não? — Redarguiu Eva.

Fez-se um rumor de folhas e rompeu um ar gelado. O portão as separava. Aquela disse qualquer coisa que Eva não percebeu.

— O quê, desculpa-me, não percebi?

— Eu dizia que vinha te pôr a par da situação referente ao velório...

— Ah, sim! Desculpa-me, entra!

Abriu-lhe o portão apressadamente sem perder o sorriso. A conduziu até dentro da casa.

— Ó, querida, agora estamos comodamente sentadas. Diga-me o que me pretendes dizer.

— Não, não é nada de muito importante, só vinha te pôr a par da situação referente ao velório e o enterro, que já se realizou. Vim para avisá-la, mas não consegui te achar em casa. Faço isto pelo espírito comunitário, para manter o espírito comunitário — acentuou principalmente a expressão espírito comunitário, como se nela residisse todo o sentido da questão —, pois devemos nos ajudar mutuamente e fraternalmente para atingir esse fim.

— Ah, sim, é verdade. Estou inteiramente de acordo.

— Eh, isso sim, é belo!

A conversa, no entanto, tomou outro rumo. Eva e a vizinha riam-se, não do infortúnio alheio, mas do extraordinário prazer da conversa, que as conduzia assim para um labirinto forte de empatia, ocorrendo rumores de cadeiras. Assim, a conversa

entrou para aquele reino de intimidades e simpatias entre duas senhoras que há muito se conhecem. Abanavam-se numa cópia de gestos, coravam e punham-se a rir, maneando-se com um sorriso cada vez maior nos rostos. A conversa atraía toda a atenção delas. Voltaram-se as duas ao ranger do portão, alguém tentava abri-lo.

— Ah, desculpa-me, deve ser por mim. Tenho que ir, vemo-nos outro dia. Tchau!

— Tchau, querida!

Agitou-se rapidamente ao portão. Abriu-o. Eva voltou para o quarto mal iluminado; apenas dois pequenos feixes de luz vindos da sala irrompiam; pairava um bafo e no desarranjo da cama sentou-se, depois de acender a luz. O olhar frio e vago não sabia sobre que se fixar, sem compreender nem o sentido, nem a importância, como se fosse forçada a olhar para algum sítio. Prolongou-se isto por alguns minutos. De repente, agitou as maçãs do rosto. Pegou o livro entre as mãos e acompanhou as letras que se seguiam.

CAPÍTULO III

Eva acordou e olhou o relógio e, vendo que já passava uma hora da que ordinariamente acorda, não se inquietou, pois não fazia um rigoroso emprego do tempo, à exceção das coisas mais respeitavelmente sérias. Através da janela chegavam feixes de luz entre os seus passos mais difíceis, quando estas notavam os últimos sinais da cacimba. De onde se ouvia repetida uma mesma frase musical como o rodar monótono de um dos ponteiros do relógio, influenciando um trejeito na face e nos lábios, como se ouvisse notas falsas ou, o pior, um desarranjo tonal.

Era bem visível que os pensamentos de Eva tomavam um curso muito diferente dos da cantora. Embora num certo caos ameaçasse de rotura o equilíbrio do seu eu, oscilando-o, tendo de roubar dos deuses o saber para reconstruir mundos arejados e menos sombrios, numa tentativa reparadora. Enfim, aquilo não podia entorpecê-la.

Deitava olhares inquietos à porta por onde devia sair. Riu, finalmente, como se fosse uma caricatura que a si se olhasse. Saltou da cama e saiu rapidamente, alegre como sempre, como se quisesse estabelecer contraste entre as maneiras apressadas e a ordem severa do grande relógio da sala. Sem em nada alterar os hábitos, foi ao banho.

O rosto de Eva estava pensativo e comovido, com as mãos sobre a cintura, caminhava, de cá para lá, olhando, quer para frente quer para o chão, abanando pensativamente a cabeça. Ao ouvir o portão levantou a cabeça, parou junto da mesa e tamborilava os dedos. Eram os passos leves da vizinha. Disse de si para si: «mudaste muito, mãe». Ao flexionar a palavra «mãe», sorriu. Era-lhe evidentemente um paradoxo pensar aquela mulher, adulta e bela, frente a si como sendo a menina magra e traquina que fora. «É irónico?», pensou ela, embora se pensasse indulgente com suas pequenas fraquezas.

Ao olhar a vizinha, Eva sorriu como sorrimos ao olhar as pessoas que supomos conhecer a fundo e que nos alegra vê-las.

— Não te aborreces que eu venha ter contigo?

— Não, nem por isso.

— Ah, OK. Quero falar-te a sós. — Disse ela, arfando (tinha vindo certamente às pressas). Eva calou-se, como se dissesse «bem, aqui que outra

circunstância impediria tal possibilidade?». E como lendo a expressão da amiga abalou.

— Oh, és sempre tão bondosa! Diferente de tudo o que se diz. — Eva manteve-se calada. — Deves ter um grande coração, cheio de indulgências. Afinal, quem tudo compreende tudo perdoa.

— Eu? Nem por isso, apenas gosto do meu estilo de vida, até porque, por várias razões sou pobre de requisitos. Sabes, sempre fui rebelde a isso. E agora gosto mais ainda da minha solidão.

— Para falar sinceramente, Eva, creio que o ostracismo a que estás votada te faz sofrer...

— A mim? Não! Já me fez. Agora não.

— Foi sempre assim, mas agora se tornou impossível.

— Ó, minha querida, — tornou Eva em tom terno — esse comportamento tem barbas velhas. Perdoe-lhes não sabem o que fazem. Sabes, se em parte sou censurável, os outros o são igualmente. Em tudo que olhamos há cortinas que nos obstruem a visão, daí ser necessário ter alguma indulgência para com o outro. Não quero dizer com isto que não me inquieto, apenas deixo que o amor me ilumine com aquela luz de inteligência, para não julgar as pressas.

Eva já não a olhava, os seus olhos mergulharam na obscuridade da luz que entrava pela porta aberta. Levantou-se, meteu as mãos no roupão branco. Sorriu graciosamente.

— Sim, é um ponto...

— Ó, querida, isto cabe na caricatura de um velho com peruca, escondendo os cabelos brancos, e cheio de dentes postiços, como se quisesse desafiar o tempo. E vale para as duas faces da moeda.

Estavam agora as duas face a face, silenciosas. Eva contentou-se em suspirar, sem sair da mudez. Ela abraçou-a suavemente. Tinham o aspeto igual a qualquer outro como se passassem em revista algo. Não era só o aspeto exterior da coisa que as ocupava. Era evidente que se admiravam e se orgulhavam por isso. Era uma espécie de obsessão contida e feliz. Saíram do abraço com os mesmos sorrisos que tinham ao se abraçarem. As suas caretas pretendiam, de alguma maneira, exprimir que sabiam há muito tempo que tudo isso as aborrecia e que não era de modo algum o que lhes interessava. Esta comoção alimentou aquele silêncio e os pequenos suspiros abruptos e simpáticos. O animado silêncio acrescentava significado particular àquela comoção e a frieza intencional daquela falta de palavras. A vizinha, excitada, disse duas ou três palavras sem saber com que braço começar o abraço, e abraçou a Eva, novamente.

CAPÍTULO IV

Estava um tempo tépido e chuviscava. Da janela via os tectos e as copas das árvores que espreitavam através da cortina do chuvisco oblíquo, distinguindo-se, às vezes, de longe àqueles pontos elevados. Enquanto olhava as gotículas de água que corriam vidro abaixo, Eva, de súbito, ouviu o som, novo para ela, porém, familiar, de passos que rapidamente se aproximavam. Um estrépito veio de sua porta. Quando a abriu.

— Olha, olha, amiga, ainda não te tinhas levantado! — Exclamou a vizinha, que se pôs a fechar o guarda-chuva e a entrar.

— O sono e a preguiça eram fortes, convidavam-me a ficar na cama. — Murmurou esta inquieta.

— A mim não me dão sequer tempo de dormir,
— respondeu àquela — se não são os trabalhos domésticos ou o namorado são os trabalhos da facul¹.

— Também não tens outro jeito.

— Sim. Em parte, sim. Mas, às vezes, farta!
Dá vontade de mandar tudo para o diabo!

Sorriu, tirou um lenço da bolsa que espalhou um odor a perfume e chegou ao seu nariz. Havia entre elas uma cortina que faz pensar na linha que separa os vivos e os mortos ou um desconhecido de sofrimentos. Que se encontrava ali? Ninguém o sabia, e receava transpor aquele limite, ao mesmo tempo, que desejava fazê-lo. Afinal, cedo ou tarde, será forçoso transpô-lo, sabê-lo a nervura e toda uma teia de caminhos e desencontros, ou de encontrões. Saber o que está para lá da morte e do medo dela, do ar de rude alegria ou de um particular brilho de sombra.

Aquelas duas mulheres tão diversas suspendiam a respiração enquanto uma nuvem de pensamento passava. Eva não conseguia manter-se no mesmo lugar, indo de um ponto ao outro da cozinha, dançava as ancas levemente. Parou.

— Cá estamos finalmente! — Sorriu com ar pensativo. — Assim podemos pôr a conversa em dia.

¹ Faculdade.

— Sim, de facto. Mas parece sempre difícil atacar a questão. Um pensamento atravessou-lhe o espírito. Era este o primeiro encontro em que ela tinha tempo para descascar todo o problema. Afinal tudo aquilo causava-lhe um certo embaraço.

— Ora veja... — Fez silêncio. Continuou de pé, a olhar, como se estivesse à procura de qualquer coisa, na direção da janela. O céu parecia-lhe belo, tão cinzento e profundo. E ainda mais belo, os pontos altos, os becos misteriosos e o tecto das casas e as copas das árvores cercadas de neblina. «Além tudo é calmo e feliz, o céu cheio de tantas promessas. E em mim, quase que tudo se confunde numa impressão instantânea doentia e perturbante» — Aqui todos mostram o seu asco ou desprezo, ou preconceito ou hesitação como se isso fosse uma virtude. Julgo que ninguém nota as contradições que estabelece, pois todos têm aquele sentimento de virtuosa ação como se recebessem o espírito santo. Contudo, já não me indisponho. Afinal tudo isto tem barbas brancas. Não sou a primeira a sofrer este tipo de violência social, nem a última.

Apesar de se sentir triste por aquilo, suportava aquele fardo melhor do que os mais fortes, as injúrias grosseiras, murmuradas ou não, e o desprezo a que a votavam repercutiam no seu espírito, confundindo-se com o barulho da chuva. De súbito, sentiu-se mais animada, os olhos passaram a brilhar

com fulgor e os pensamentos precipitavam-se no seu espírito com presteza e lucidez extraordinárias.

A vizinha dispôs a sacola sobre a mesa. Tinha o rosto enérgico e inteligente, a expressão alegre de uma criança. O sorriso, que desaparecera enquanto Eva falava, de novo, no rosto da vizinha ressurgia. Agora tudo aquilo da véspera era vago e impreciso como uma recordação longínqua.

— Mas o que é engraçado — comentava a vizinha, apontando para o que há pouco falaram — é que em tudo isso há um cheiro de carne putrefacta.

A vizinha estava sentada com as pernas cruzadas e um dos braços apoiados sobre o braço da cadeira. Ao pôr-se a rir.

— De facto, Sollange! É uma traição à inteligência e ao humano, ao profundamente humano. Mas que se há de fazer? «E se a única solução que resta é resistir e lutar, então o farei tão bem como os outros», pensou. Sollange percebeu que elas se encontravam naquele estado de emoção em que os homens procuram qualquer palavra ou expressão que os motive. Percebeu que a sua intervenção a favor do que Eva dissesse a punha muito próxima da repetição óbvia; mas a sua natureza persuadia-a a fazê-lo.

— Só uma coisa digo: tudo isto é uma imensa cobardia! — Murmurou Eva.

Pelo timbre daquelas vozes, pelo facto de ambas estarem sentadas tão à vontade e tão próximas uma

da outra, por tudo isso, sentia-se ter ocorrido algo de muito significativo entre elas, como se pudessem adivinhar as emoções e os pensamentos que lhes vinham ao espírito.

E, imprevistamente, embora o rosto da Eva conservasse uma expressão suave; subiram-lhe lágrimas aos olhos. Houve um silêncio de alguns segundos. Sollange conservava um ar de perspicácia, como se compreendesse tudo o que se passava na alma de Eva.

Por um instante, o rosto de Eva ficou sem emoção. E como fina ironia, contou à amiga a cena da rua e do homem que se deu a possuí-la, atirando, no fim, umas notas ao chão, como se aquilo pagasse o despropósito, o que só acentuou o mal-estar, o desconforto para depois ter de ficar de pé durante quase uma madrugada inteira a frio. Parecia racionalmente impossível. Mas a caprichosa sorte torna o impossível possível. E não estava na condição nem de aceitar nem de recusar e, por isso, foi usando artifícios para tornar aquilo menos sofrido e desastroso.

Sollange olhou a silhueta de Eva. Tinha qualquer coisa de especial, um ar nada rude, que despertava simpatia. Quando mais a olhava, tanto mais alegre se mostrava. De súbito, devido a um assunto qualquer engraçado, elas saltaram às gargalhadas tão francas e tão potentes que estas se comunicaram,

através de algum artifício, como se as próprias almas dissessem «ora até que enfim! Cá está uma amiga!». Eva, nesse momento, sentiu o sangue afluir mais vivamente ao coração. Libertando um sorriso alegre e ingénuo.

CAPÍTULO V

Acalmara-se a chuva. Fios de luz confundiam-se, no horizonte, com lâmpadas. Começava a escurecer. As horas passadas revelavam assim a funda afinidade. O frio e a humidade trespassavam o ar. Logrado algum tempo ouvia-se vindo de todas as direções o rumor de música popular e de vozes de homens em disputa, tudo isso se confundia no incessante e cavo murmúrio. Desejariam ver-se diferentes. Mas já não podiam. Exerciam já uma sobre a outra todo o poder de atração. E entre ambas não havia já obstáculo algum.

De volta a casa custou-lhe tirar aquela imagem do espírito. Compreendia que Eva, à qual conhecera há pouco, se ligara a ela como unha e carne, com quem despreocupadamente conversava e trocava confidências. Sabia o problema que daria aquilo. Tudo quanto se dizia dela, embora tivesse algum

fundo de verdade, não correspondia à sua essência e grande parte se resumia a equívocos e preconceitos, que se serviam de modelos gerais de análise. Afinal ela primeiro era um ser, uma mulher, depois porque possuía aquele belo corpo e beleza: «Como tudo isso pode dizer dos seus melhores sentimentos?».

Mas, ao mesmo tempo que exprimia a si própria tal receio, por outro lado a sua alma enchia-se de alegria ao lembrar-se como aquela relação a fazia bem, como se sentia bem ao estar com Eva. Parecia conhecê-la de há muito, como duas amigas de infância.

Sollange estava resolvida a continuar com aquela relação, embora tivesse fortes objeções, a dos olhares afetando reprovação e censura, a inquietação e irritação familiar, a vulgaridade de todas aquelas preocupações mesquinhas e artificiais, que reduzem o ser a uma compota, ignorando sentimentos elementares e a riqueza humana. As piadas picantes, a fofoca fresca e animada que disso podem derivar perdiam força no seu espírito. Estava decidida a avançar! «Pronto, está decidido!», infltiu, pois sabia que seria uma travessia à prova de resistência e preenchida de micaias.

Depois, que razão havia para temer? Nada daquilo a mataria. Afinal é apenas uma amizade. «Então, porque seria ela proibida?». Ela sorriu com o seu sorriso infantil. Muitas vezes, nestes últimos dias, estivera em conversa com Eva. Mas ia

furtivamente a sua casa. Era preciso acabar com isso. E encarar o embaraço. Sentiu-se perplexa ao perceber que era como se roubasse algo quando fosse fazer as suas visitas a Eva. Como se Eva não pertencesse ao bairro.

Eva atravessou a estrada de terra batida, uma casa enorme e uma série de barracas, sem se importunar com o lamaçal, acompanhava o burburinho de algumas barracas. «Graças a Deus — infletiu Eva — dissipou-se a chuva». Embora Eva tivesse que andar aos ziguezagues, esquivando poças maiores de água e lama, tomando cuidado para não sujar a roupa, apressou-se a chegar a paragem. Com seu ar radioso, não se atreveu a ficar ali parada, apanhou o primeiro chapa que aportou. Já dentro, tirou da bolsa um guardanapo de papel e limpou as barbas dos sapatos. O telefone tocou.

— Então, Eva, vens ou não?

— Sim, já estou a caminho! Chego em vinte minutos. A voz do outro lado parecia animada.

— OK, até já!

Depois do silêncio de voz e do tum tum, repetido, dobrou lentamente o guardanapo branco, o cobrador chamava pelo seu destino quando o chapa estivesse próximo a uma paragem ou avistasse àquele um potencial cliente, assim foi seguindo para o seu destino pelo caminho untado de água. Eva, à vontade, no canto direito do chapa, estava sentada a olhar

pela janela distraidamente. No entanto, um pensamento assaltou-lhe o espírito, invocando a ideia de que aquela viagem poderia resultar bem e se tornar noutra divertida e rica sessão.

Entretanto, na entrada do hotel, ouvia vozes alegres e conhecidas em disputa. «Porque me chamaram? — dizia de si para si, olhando o vidro que os separava — Mesmo que eu queira, não posso agora mostrar-me tal qual sou». Cuidadosamente arrumada e penteada, mostrava no rosto uma vivacidade já por eles habituada. Trazia um vestido, como ordinariamente era usual quando fosse àquelles encontros. Sollange dera ao seu visual maiores cuidados, tornando mais sedutor o seu corpo, busto e rosto juvenil. Antes de entrar, parou por algum tempo. Sentia-se presa a uma dúvida urgente. Estar-lhe-ia reservada a felicidade e o amor? Suspirou e entrou sem pensar no seu vestido e no seu penteado, nem na maneira como se apresentaria, nem no que iria dizer. E afinal, disse de si para si, lembrando Tolstoi, as solteironas também vivem. E são talvez as mais felizes.

Eva, enquanto caminhava, envolve-os a todos no seu olhar, o homem do telefonema há pouco e dois amigos seus e duas mulheres que cochichavam entre si. O homem sorria, observando-a com ar divertido. Era manifesto que poderia ficar assim por muito tempo.

Parecia despertar nele, inevitavelmente uma certa curiosidade, perplexidade e amor, ou talvez não, mas as suas atitudes e o seu aspeto pareciam significar tal coisa.

— Estás simplesmente bela, Eva! Outra expressão não tenho.

Eva sorriu e corou.

— Obrigada! És sempre muito gentil. O penoso é que Eva não sabia o que pensar ou dizer, pois se fingisse indiferença corria o risco de ele a tomar por antipática, se mostrasse o entusiasmo que a animava tais elogios, corria o risco de ser tomada por ingénua ou por não profissional. Então, assumia essa atitude ao meio do comedimento.

— Uma rodada em homenagem a Eva! — Aduziu o homem. Saíram todos às gargalhadas. Embora Eva afetasse frieza, não podia deixar de se entusiasmar, até porque não há equidade para o divertido, ainda que fosse necessário resguardar os seus sentimentos. Não era o frio cálculo que a conduzia, pois não refletia um momento sequer no que lhe era preciso fazer, mas como algo pronto aquilo estava mecanizado.

Todos se divertiam à toa, à exceção de Eva, que andava inquieta, pois aquela toda animação a transportava mais vivamente a uma época diferente, em que ela não se encontrava naquele estado e em que tudo era fácil e alegre. Monologava de

si para si, sem encontrar saída conveniente para aquele estado. Por isso, entrava a cerveja mais rapidamente.

«Depois disto, tudo é esquecido», pensou. A consciência funcionava como um demónio que estava ali a censurar-lhe e a tirar-lhe a alegria, como se alguém estivesse ali a espreitar. No entanto, ela, como toda companhia profissional que se preza, conhecia as manhas instintivamente ao conduzir a conversação e uma série de coisas tolas, estúpidas e idiotas que se fazem ou se dizem em muitos destes encontros, por isso desde a primeira procurou manter o encontro dos seus olhos e do homem constantemente, devotando-lhe atenção. Embora se guardasse pensativa, sorria e escutava a disputa da conversação, sem se emburrar, entre as cinco vozes entrecortadas de alegres entonações. Por mais extraordinário, por mais divertido que aquilo fosse, o facto é que a sua consciência já não a largava, e a antiga Eva, de modos fáceis e alegre já ali não se encontrava em espírito, ficara o corpo a cumprir rotinas e comandos.

A conversação enchia o bar e se amplificava sem cessar. Quando Eva se encontrou a uma distância próxima do homem pôde vê-lo nitidamente, e até aos mínimos pormenores, belo e alegre, sentindo-se presa de enternecimento e entusiasmo até então não experimentado. Os traços, os gestos, as mais

leves atitudes, eram para ela motivo de admiração. Ao ver aquele sorriso da Eva, sorriu também, involuntariamente, e sentiu um maior afeto. Eva, naquele instante, entrou numa espécie de esquecimento de si própria, em entusiasmo apaixonado por aquela figura.

Quando o homem se pôs à conversa com os dois amigos, notava-se a ascendência deste sobre os dois, ao acorrer a ele com certo comedimento e respeito, embora fossem seus superiores hierárquicos, espalhando aquele uma certa alegria no ar. Neste momento, Eva compreendeu claramente aquilo a que vinha ruminando: que, no mundo, além das hierarquias e das praxes profissionais, existia uma outra hierarquia informal, mais essencial, que deriva de um certo brio próprio, que pára o trânsito dos outros, com consentimento, colocando em mais alto plano um indivíduo que, em outras circunstâncias, se reduz a um indivíduo sobre o qual se tem poder.

O homem animava-se quando tivesse que travar alguma conversa inteligente, ou de auxiliar em alguma questão difícil, parecia estar em si às molas que faziam mover aquela conversação. Na madrugada, a conversação estava em marcha, não cessou até antes das quatro, só aí é que os destinos se fizeram diferentes.

CAPÍTULO VI

Ao sentir um aquecimento impossível não podia mais se manter a dormir, Eva deixou aquela teimosia para permitir que os olhos se abrissem preguiçosos. Detivera-se na cama e na mesma posição em que acordara, via uma luz entrar pela janela. Todo o receio que experimentara ao entrar no hotel, toda a luta interior que travou para ver aquilo resolvido, todo o entusiasmo que sentiu se dissipou. Enfim, o sol surgia após o frufu da noite anterior. Era visível que ainda não estava completamente acordada. Ora se desviava para um lado, ora para o outro, imaginando estar no seu quarto. Trazia a cabeça meio revolta, tão estranho ao seu estado ordinário. Num abrir e fechar de olhos surgiu o homem.

— Bom dia, Eva! Dormiste bem?

— Ah, sim. Mais ou menos. Bom, não sei. Ainda estou confusa.

— Ah, é normal. Sorriu o homem e retorquiu.

— Já sabes, se quiseres tomar banho, fica à vontade.

— Ah, não. Quero ficar mais alguns minutos na cama. Posso?

— Fica à vontade. Enquanto isso vou-me certificar que a sopa esteja a ser feita.

— Oh, bom.

O homem saiu. «O rosto dele era mais belo ainda do que no dia anterior. Irradiava alegria e juventude e um certo ar de imponência. Será que compreendeu o que se passava no meu espírito? O certo é que ao me olhar parecia entender», pensou Eva. E retornou ao sono, pois já tinha fechado as cortinas.

O impulso inicial foi se comunicando às partes até então insensíveis, como se as engrenagens se mordessem umas às outras, gemendo na rapidez da rotação, fazendo a Eva permanecer tranquila e imóvel como se pudesse conservar-se centenas de anos em imobilidade inalterável. Mas quando à tarde o calor se tornou insuportável, abandonou a tranquila imobilidade, obedecendo a um conjunto que começava a agitar-se. Abriu os olhos, esticou o corpo preguiçoso, afetando os músculos até então ignorados, como se deslocasse uma agulha da sua história no quadrante do tempo.

Era uma tarde quente e, através das cortinas, deslizavam uns raios de luz. «Mas, se entre outras

coisas, desejo a felicidade e o amor, se desejo casar-se, não tenho culpa de o desejar, nem sou a única, que deseja esse amor em família. e, apesar de tudo, isso me interessa, liga-me a essa força misteriosa, ainda oculta em névoa».

Embora olhasse naquele sentido, o dos raios de luz entre as cortinas, ainda nada podia distinguir da tarde, deduzindo-a apenas pelo calor sufocante. Parecia-lhe distinguir um vozear humano que a levava à desordem e um aproximar de passos, para logo depois ver a fechadura da porta a mexer-se, surgindo a cabeça do homem por entre a porta. No mesmo instante, ouvia o vozear mais nitidamente, aumentando a sua ressonância. Ouvia já palavras e frases entrecortadas, em português, embora não as compreendesse.

— Que vozes são essas? — Perguntou Eva, que se encontrava na cama.

— O que te parece? — Retorquiu o homem. Parecia esperar uma resposta.

— Sei lá!

— Hum, OK! Venho já! — Sumiu, deixando a porta semiaberta. Ao retornar redarguiu.

— Então, não reconhecês, são o Pedro e o João!

— Ah, OK!

O homem trazia uma bandeja, que dela saía uma fumaça tímida. Eva contentou-se em suspirar, sem nada dizer, passando a tomar a sopa. Como

estivesse compenetrada apenas ouviu um trote de passos que foram perdendo o fôlego e uma voz que se fazia agora ouvir no vozear humano. Embora prestasse atenção ao vozear e à alegria geral, foi ao banho. Sem intenção de partir tomou aquele banho frio. Experimentou um misto de angústia e alegria, enquanto se lavava, sem fingir ouvir os passos que se aproximavam virou-se. Neste ponto, deteve, indecisa, o que pretendia dizer: devia dizer ou esperar que ele a interpelasse? Ele aproximou-se.

— Lá vem uma, não sei se vais gostar! — Exclamou ele em frente dela. Eva não teve tempo de responder.

— O Pedro e João estão a propor uma praiada, o que achas?

— O que é que posso dizer? — Replicou Eva, enquanto encolhia os ombros.

— O que é certo é que não morrerás por isso, — argumentava ele — não tens muito tempo, prepara-te.

— Não tenho roupa de praia!

— Não importa, a ideia não é ir mergulhar e sim ficar na marginal a conversar.

— Bem, bem, — disse Eva — então, serei rápida.

— OK, senhorita!

O homem desapareceu. Ouvia Eva aquele vozear monótono e um martelar de passos apressados, enquanto se limpava. A angústia dissipara-se. Mas

eis o que Eva não conseguia apurar se era aquela uma decisão acertada ou tola. Estava a perder o rigor. Pelo ruído dos passos e o vozear humano, depreendia-se que só ela faltava e que estavam prontos para a partida, a pesar disso estava hesitante. Talvez seja porque pernoitara fora do seu leito habitual e o seu sono foi entrecortado. E ali estava agora, imóvel, e tendo que partir. Foi-se juntar ao grupo sem ousar perturbá-lo com suas reflexões. E o homem, como já esperasse aquele momento, que se seguiu em frente, saiu e fechou a porta, deixando um ruidoso silêncio na *flat*.

CAPÍTULO VII

Às vinte e uma horas Eva chegou a casa. Sentia-se emocionada e, ao mesmo tempo, serena, qual pássaro que vê a presa desejada. «Se me tivesse recusado a ir à praia, dizia de si para si, teria perdido parte do que hoje vivi». Mas como não se sentisse indiferente a tudo o que se passou, não cessou em dizer-se: «Sim, talvez tenha sido uma ideia tola, mas valeu a pena». Era evidente que estava fatigada, com o peso do cansaço, bocejava.

Nesse momento, atrás e à frente, ouviam-se sons de música popular, que se sobrepunham ao vozear animado que os acompanhava. As vozes ouviam-se ao fundo à sua janela. Era visível que eram festas. Eva afetou-se com esse arrazoado, evidentemente desagradável, se viu, por um instante, transformada por aquela impressão desagradável, como um resto de bruma no céu sereno, que a seguir se desvaneceu, retornando um ar de juventude ingénua

e inocente. Libertou, a seguir, um sorriso que não pôde reprimir. E adormeceu.

Através da janela aberta entrava um sopro de ar fresco, um sopro de confiança de êxito e felicidade, enquanto Eva perscrutava os sons de ar frescos e o vozear que adentrava o quarto, ao entreabrir os olhos, esticando preguiçosamente o corpo sem se dar conta do significado do vozear que ouvia e que vinha da vizinhança. Era a ressaca do dia anterior.

Certamente estavam os da casa e alguns amigos, vizinhos ou familiares a ajudar a pôr conserto ao burburinho deixado, pois, à parte o vozear, ouviam-se passos e o chocalhar da loiça, através dos quais seguiu ordinariamente o que veio a acontecer.

A cacimba começara a dissipar-se e, vagamente, ia acordando Eva. Um vozear confuso, que aumentava sem cessar, refluía e entrava pelas janelas. Era não só difícil não notar aquela turba, mas impossível não seguir o seu movimento invisível. Eva limitava-se a não ceder à torrente, ainda que não conseguisse voltar ao sono, nem se concentrar. E convencida, certamente, no mesmo minuto, da impossibilidade de conseguir, saltou da cama e seguiu para a cozinha. «Lava rápido essa loiça!», avançou uma voz feminina e em tom hierárquico. «Ah, mamã, mas estou a lavar», retorquiu uma outra voz, seguida de um grupo de passos, talheres e pratos que ressoavam. Enfim, era uma bateria de limpeza e arrumação.

No ar fresco da manhã, uma ou outra detonação de vozes ou de um rumor ininterrupto de grito surgiam. No entanto, não podia ainda distinguir nada nitidamente. Notava apenas nitidamente que a rua se enchia de sons e vida, um crescendo de pormenores humanos, ouvindo um grupo de vozes mesclarem-se a outro grupo de vozes, eram fiéis certamente. Não pôde vê-los, porque não se deu o trabalho de espreitar. «Invejá-los para quê, se muitos deles são infiéis, no entanto, vestidos de ovelhas!», disse de si para si. Sabia-os em rostos de marcial gravidade, mostrando deferência e falsa humildade, quando não sorrissem. «Como se explica isso?», pensou. «Seja como for, é merda em cima de merda!», anuiu. Mas eram afinal seres humanos e seus vizinhos que tinham diversas origens e pátrias, dentro de uma mesma nação. «É contraditório, contudo!»

Nem uma só das inúmeras frases que ouvia poderiam formar um texto coerente. Os ruídos e sons da vizinhança continuaram durante algum tempo, até começar a perder fôlego e a se dissipar. De repente, sentiu-se reviver, ao se aperceber mais calma. «Sim, até hoje, ignorava algumas coisas. Mas agora subi alguns degraus da escadaria, saí do nevoeiro que me nublava. Bom seria se tudo fosse simples e claro: a alegria de todos estaria garantida, porque não temos apenas o incompreensível à nossa frente, mesmo quando nos parece tudo inteligível e garantido, ante

o céu infinito de ignorância, do que sem medida pensamos saber ou conhecer, ou dos insignificantes rodopios que damos ao tentar acenar a razão de alguma coisa, ou suportar a dor, a expectativa frustrada e o esgotamento de forças, por não conseguirmos atinar o sentido da vida, ao passarmos a compreender que nada é certo ou seguro. E percebermos que o fim de tudo é a morte, o mergulho no incompreensível e inominado». Pôs-se à escuta e percebeu um trote de passos cada vez mais nítido. Levantou a cabeça e não viu ninguém, nesse instante, a porta ressoou, fazendo-a entreabrir-se.

— Então, amiga, vives! — Exclamou Sollange, ao ver Eva sentada, com um livro nas mãos — Parece que ontem foi um dia cheio!

— Ah, sim. Em parte.

— Eis uma bela menina! — Comentou ao sentar-se.

Eva pousou o livro, depois de enfiar nele um separador, tossiu, mas não disse nada.

— Então, amiga, que desânimo é esse?

— Não é desânimo, é cansaço.

— Então, não descansaste?

— Descansei, mas o barulho das festas na vizinhança deixaram o meu espírito irrequieto, que sinto não ter descansado o suficiente. — Nesse momento Sollange colocou um plástico em cima da mesa — Então, estás a vir das compras?

— Sim! Fui comprar algumas coisas para cozinhar.

— Mas não precisava.

— Como não? Reparei na sexta-feira que não tinha alguns ingredientes para o que pretendo cozinhar.

— Ah, bom. Tudo bem! Mas não te vou ajudar.

— Ah, não te preocupes, quando pensei nisto não equacionei a tua ajuda. Fica à vontade.

Sollange esqueceu inteiramente a amiga absor-ta, enquanto ocupava toda a cozinha. Eva viu-se obrigada a ir sentar-se na sala. Fitava furtivamente a amiga compenetrada, ela parecia não se dar conta da presença da amiga na sala, aquilo parecia-lhe um tirar a cabeça para respirar, bebendo, naqueles instantes, cada movimento da amiga e dos seus olhos entusiasmados e ternos. Aquilo constituía os muitos pequenos nada que a alegravam. No compartimento vizinho, por todos os cantos havia, na mesa e no alguidar, facas, panelas, pratos e ingredientes, sentindo-se um frufu de caldos e temperos. Sentada no divã cujo encosto estava coberto de almofadas, estando compenetrada na leitura de um romance, sentia-se de novo mergulhada naquele mundo de papel e de faz-de-conta, como se ela pedisse e se permitisse dar os melhores prazeres a sua existência.

— Bom, amiga, já está quase pronta a refeição,
— irrompeu Sollange suspendendo a leitura da

Eva — vim avisá-la para veres onde vais parar, enquanto arrumo a mesa.

— OK, está bem.

— Não se demore.

— OK.

Sollange voltou à cozinha.

Ao entrar na cozinha fora recebida com um aroma incomparável de boa comida. Sentaram-se, e enquanto comiam Eva esgravatava o seu passado. Acordou o ano em que os pais tiveram o acidente que lhes interrompeu o curso da vida, um ano de depressão como fora uma boa parte da sua vida, a mistura com pequenos incidentes e um inominável vazio. Só parcial e momentaneamente desmentido, quando foi viver com um casal de tios e seus dois filhos, onde experimentou a alegre impressão de voltar a ter uma vida normal e alegre, apenas nesse breve intervalo, teve a sensação de novamente ter uma família. Andava na casa dos dezasseis e dezassete anos, com os peitos em franca expansão e as ancas fartas e tenras, dando-lhe a impressão de alguma maioridade, o que não era mentira no todo, ao experimentar algumas trocas de beijos furtivos com um moço três anos mais velho.

Naquele ano fez a décima primeira classe, embora já travasse conhecimento furtivo com o tal rapaz, com quem perdia algumas horas. Enfim, na décima segunda classe, já sonhava com a faculdade, tendo

frequentado um curso de inglês que lhe deu um domínio razoável da língua, só aperfeiçoada por fazer parte de um ambiente, onde ela se fazia presente e por intensas leituras de uma rica bibliografia anglófona.

O seu fascínio pela leitura dava-lhe desenvoltura intelectual e a fazia uma pessoa de boa conversa. Sempre que a questão fosse literatura trocava calorosas discussões; muitas vezes falava de obras literárias, exprimindo o seu fascínio e desdobrando os seus mistérios.

Durante aquele curto momento em casa dos tios afigurava-se-lhe viver em harmonia consigo e com a família, pois frequentava festas e matinés dançantes com certa liberdade, ainda que se conservasse comedida. No entanto, certa feita a tia e os filhos fizeram uma viagem, não podendo ela ir por causa dos exames e o tio por causa do trabalho. No fim dos exames saiu com as amigas e colegas para uma matiné dançante e no regresso, por volta das vinte e duas, ao entrar encontrou o tio na sala a escrever algo no computador, cumprimentara-o e este retorquira, indo ela direto para o seu quarto. Como estivesse feliz por ter feito os exames bem e se divertido, naquele dia adormeceu instantaneamente. Por volta das zero e tal sentiu uma mão escorrer-lhe o corpo e beijos sobre o pescoço e as costas, pensou estar sob o efeito de algum sonho, mas à medida que sentia a mão descer em direção a sua calcinha,

desconfiou do sonho. «Mas, quem me visita a esta hora e no meu quarto?», abriu os olhos ensonados retirando a mão que lhe tirava a calcinha, que por sua força a tirou, afetou levantar-se às pressas, no entanto, sentiu-se sem forças, presa à cama.

— Ah, tio, não faz isso!

— Chiu, chiu, chiu! Calma, não vai doer. — Retorquiu este, introduzindo-se entre as pernas da miúda, que sem forças cedeu.

Durante o curto ato, antes de se vir a si, Eva debatia-se mais do que conseguia, até que o tio a libertou e ela afastou-se para mais longe que pôde: a um canto do quarto. Passado alguns minutos saiu este do quarto. Aquelas visitas passaram a ser frequentes, mesmo na presença da mulher e dos filhos aportava naquele quarto. Como Eva estivesse naquele período da juventude de tão indefinidas perspectivas, calou-se. Até que, enfim, ganhou coragem e revelou o segredo à tia, que fez ouvidos de mercador.

Como a família não fosse de cá, não sabia a quem recorrer, pois aquilo estava para além das suas forças e poder. Nos últimos tempos vinha o tio ao quarto de seu roupão, sem outro tecido de roupa, senão aquele, para se servir de seu banquete. Quem imaginaria aquilo de um homem devoto às causas divinas, participante assíduo das missas dominicais. Fora-lhe confiado o cargo de tesoureiro

da comunidade, uma vez que não havia ninguém tão habilitado quanto ele e tão devoto a igreja.

No começo de junho do ano seguinte, quando a coisa já era incomportável, cheia de receios, fugiu de casa. Depois de ter perambulado noites inteiras, sem lugar de pouso, foi parar na 24 de Julho, onde encontrou uma rua sem saída e dormiu encostada a um portão. Eva soltou um grande suspiro e olhou para Sollange, que, com ar auscultador, considerava-a com bonomia.

— Ah, minha amiga, se insistimos em viver é porque nos custa morrer.

— Ah, sim. Eu cá sei! Se fosse possível desistir tê-lo-ia feito, mas até isso é difícil, até isso tem um preço.

— De facto, tudo o que fazemos é uma forma de irmos morrendo, enquanto vivemos.

— Feliz ou infelizmente não existe uma forma simples de vida, básica e fácil. Ser ou não ser eis a questão, porque até não ser é uma forma de ser. É paradoxalmente irónico. É um *puzzle*-dilema, onde temos de fazer escolhas, decidir realizar ou não realizar alguma coisa, existir ou ser.

— Nisso concordo. A vida não tem caminhos fáceis e não se resolve positivamente por si, quer queiramos ou não, andamos atados a isso feito espantalhos. Não é por acaso que vendemos a fantasia das nossas convicções e as certezas dão-nos uma falsa

tranquilidade, que nos permite pelo menos dormir e termos as nossas pequenas alegrias, nada mais.

— Mas, amiga, o que seria de nós sem as nossas pequenas alegrias? Observava perscrutadora, como se esperasse uma resposta, abalando-se.

— Por isso mesmo é que gosto de literatura, quando leio abandono o corpo e a literal ilusão de realidade. O dia sabe-me sempre melhor. Acho que quando morrer, a vida terá valido a pena.

— Mas, Deus pode fazer a vida valer a pena.

— Sim, eu sei. Mas, Deus sem literatura é um erro. É uma falaz ilusão.

Por instante, a cozinha guardou silêncio como se aquelas palavras reverberassem, em todo o espaço do lugar. Saltando logo de seguida, ambas às gargalhadas. Perdendo-se a conversa em banalidades diárias, só lamentando que silogismos tão hábeis tivessem morrido em grandes argumentos, deixando os originais sob a poeira do tempo. Conversavam de micro realidades e micro pessoas que, com certeza preenchiam os seus mundos universais, os seus dia-a-dias, as suas memórias afetivas, de empatias e desafetos, e, finalmente, e muito particularmente, dos seus eus que é tudo o que conheciam de seu.

CAPÍTULO VIII

Naquela segunda-feira, em todos os compartimentos do escritório vibrava o rumor de conversações e disputas, entre os funcionários e os clientes, quer *in loco* quer por via telefónica, assim como entre colegas consertando algo, andando de cá para lá, ou removendo documentos. Num canto, estavam alguns clientes à espera de serem atendidos.

Victor estava presente, na sua secretária, com uma fisionomia particularmente compenetrada. Não se encontrava ali. Por isso atendia, alternadamente, os vários pedidos de atenção, maquinalmente. Como a demanda fosse muita, cumprimentava de fugida, mas com igual afabilidade e presteza, os clientes importantes e os mais modestos. Via-se que, para vir ao serviço, cortara o cabelo e a barba de véspera, o que lhe dava um ar jovial e formal, afetando uma impressão séria e comedida.

Mantinha certa palidez, embora certamente estivesse mais à vontade quando pudesse manter a conversação informal. Daí exprimir-se curto e pontual. Sentindo-se à mercê daquela situação, pôs-se a cumprir as funções que lhe pediam, aprendera a responder mesmo sem estar nos seus melhores dias. Mas os que melhor o conheciam, sabiam-no diferente, pois se não respondesse mecanicamente, via-se-lhe a fitar o vago como se nada ouvisse ou visse. Algo certamente o afligia.

A questão que o afligia referia-se a certa mulher, embora procurasse fugir dessa introspecção e afeto, mas era-lhe, apesar de tudo, aquilo que o assaltava o espírito. Sempre que viesse à sua consciência, sentia-se invadido por um desconforto, sem conseguir arrumar adequadamente as ideias. Recordando-se, para malgrado seu, do passado que enodoava todo o esplendor daquela mulher e do que fazia para viver. Recordava-se involuntariamente de como os amigos, por quem tinha uma estima inabalável, o cercaram para chamar atenção pelo facto de ele estar a deixar-se envolver, tomando o encontro de puro gozo, prazer e diversão em questões de intimidade, ao deixar ela, naquelas situações, frequentar a sua casa. Pois ele, muitas vezes, pagava pelo serviço, muito mais do que o combinado, dando-lhe ainda privilégios de sono e banho de princesa, introduzindo-a, pouco a pouco, em suas saídas. E para exprimirem

o seu descontentamento disseram-lhe que deveria ter cuidado, porque aquilo estragaria relações tão úteis e prazerosas, que não deveria se atrapalhar pela beleza da mulher. «Sim, é uma bela mulher, e com ele tem conversas que nunca conseguiu travar com mulher alguma». A tais pensamentos, subiu-lhe ao rosto um certo enrugado. «Não podiam eles pretender escolher com quem me envolvo. Não têm esse direito. Da minha vida íntima, cuido eu». Victor suspirou, levantou-se e esvaziou o copo de água que se encontrava sobre a secretária. Ficara no escritório a resolver uns expedientes e na saída com os amigos abalaram-se.

— Então, até amanhã, Victor. — Disseram em unísono.

— Está tudo bem? — Perguntou um deles.

Victor parou.

— Oras, em relação à conversa que tivemos, direi que o que me anima é a firme intenção de seguir em frente, mas como não ter medo de perder o que conquistei e as relações que construí? No entanto, quando o medo se evola de nós, tudo fazemos para que não nos escape o que pretendemos. É tudo! Até amanhã, meus caros amigos.

Fizera-se silêncio. Atravessou a avenida. O silêncio persistia, nada se discernia daquilo. Era evidente, no entanto, que as coisas começaram a caminhar por si próprias, seguindo o seu próprio

curso. Que por mais que se abalasse, o rio não iria desviar o seu curso, irrevogavelmente.

Entrou no carro. Pôs o motor a funcionar e toda uma tempestade de sentimentos, pensamentos e recordações não o deixavam sossegado. Enquanto conduzia tamborilava os dedos no volante. Ora se recordava do primeiro encontro, revendo o seu belo corpo e o olhar cativador, a riqueza do seu pensamento e as expressões iluminadas de suas tiradas, que pareciam ditas distraidamente. De quantas vezes julgou não a compreender, por sua ausência de paixão e o frio calculado, que surgia aqui e além, sugerindo coisas diversas.

Apercebendo-se, naquele instante, de que, na verdade, é a ele que se devia entender nos seus primeiros conflitos e embaraços. «Quantas vezes não me senti envergonhado quando, por acaso, nos encontrássemos na rua e ela me cumprimentava? É tudo tão ridículo, porque logo de seguida ficava alegre por sua imponente beleza e pelas memórias alegres que me suscitava». E, no entanto, tudo começou por um impulso fisiológico e diversão. «Como cheguei a isso? Mas que culpa há nisto?», pensou.

Recordava-se vivamente dela, enquanto estacionava o carro. E, no entanto, a solução do enigma consistia nisto apenas: é a mulher que eu amo. Pronto, reconhecia Victor, talvez movido pela confusão de

espírito ou pelo poço de encantamentos que ela suscitava.

Dois meses tinham passado desde a conversa sem que isso alterasse o comportamento do Victor. Apesar de todos os esforços dos amigos, apesar de todas as insistentes conversas e sermões, ele continuava a sair com a mulher toda a sexta-feira. O pior era ele continuar ainda sem se resolver. Mas o que o consolava era a felicidade desses momentos, pensando que de ali, talvez, resultasse algo bom. Como era sexta-feira, à hora habitual, abalou-se ao hotel sem hesitar.

Victor, já no bar do hotel, ouviu, de costas, o som da porta a abrir, virou-se ansioso. Alguns indivíduos entravam, em conversa animada. Como fizesse um frio caprichoso, juntou as mãos e fez estalar os dedos. Sozinho no bar, de ouvido à escuta para tudo quanto entrasse, observava todos que entravam e saíam. Certa feita, a porta abriu-se suavemente e, quando se virou, viu uma bela mulher que entrara apressada. Virou-se ao bar e pegou no seu copo e deu um trago, e pôs-se a esfregar novamente as mãos. As impressões que experimentava eram de certa ansiedade.

No vasto átrio do hotel, como habitualmente, podiam ouvir-se conversas, sorrisos e passos arrastados. Passou uma hora, chegou a outra. Embora não fosse inverno, era como se este quisesse se impor

em tom impositivo. Victor já não conseguia parar sossegado.

De súbito, um pé de vento fez estremecer os vidros das janelas e das portas do hotel, soprando fortemente sob certas cortinas, a ventania trazia consigo frio e humidade. Uma voz conhecida chegou-lhe aos ouvidos e uns passos leves. «É Eva! — Disse consigo. — Mas não, não pode ser. Teria ouvido o chiar da porta!». No momento em que esta ideia lhe acorria ao espírito surgiu Eva. Sim, era ela, dentro de um vestido encantador, que a deixava mais bela e ruidosamente fascinante.

— Não recebeste a minha mensagem? — Inquiriu Eva, sem esperar resposta, até porque Victor era incapaz de retorquir. Este tirou do bolso o telefone para verificar tal alusão. Eva pôs-se ao seu lado.

— Minha querida, desculpa-me, não ouvi o telefone tocar, — Disse Victor — receio que teria ficado zangado à toa.

— Talvez, sim... Mas o que se há de fazer?

— Ah, mas deixemos para lá. Comemoremos a vida e o amor!

— Ah, sim! Comemoremos a vida e o amor! — Acrescentou em tom irónico.

— Ah, isso não me inquieta.

— Eu sei, Victor. Afinal vim fazer-te companhia e estou à tua disposição.

— Ah, Eva! Que prazer me dá a tua companhia!

- Bom, fico lisonjeada, vindo esse elogio de si.
— Não, sem hipocrisias! Pois falo a sério.
— Hum, eu sei!

Sorriram levemente. De repente, compreendeu toda a alegria que aquele encontro a dois lhe trazia. Encostou-se a ela, que conservava um encantador rosto infantil. Três horas mais tarde, Victor e Eva foram a casa dele. Três dias depois, contavam com um mais regular e frequente contacto, enrolando-se em lençóis de alegria. Victor sentia que na sua alma alguma coisa evoluía e lhe acolchoava de um bem-estar. Cinco dias depois, Eva passou todo o fim de semana em casa do Victor.

Na segunda-feira, Victor foi deixar Eva em casa. Aquele fim de semana tinha sido alegre e cheio de encantos. Vira o acordar da Eva como o desabrochar da flor. Saíram ao cinema e a um espetáculo e Victor mostrara particulares atenções que fazia a Eva ruborizar e se divertir. À parte isso, as maiores partes do tempo passaram em casa, aninhados. Tudo acontecia como se nunca tivessem sentido tanto aquela atmosfera de ternura e paixão, ao se deixarem aproveitar aqueles instantes de felicidade.

CAPÍTULO IX

Naquele dia, Eva mostrava-se demasiadamente alegre, não conseguia manter o seu espírito um minuto quieto. A fisionomia estava iluminada, sorria, cantava e rodopiava, a medida que ia fazendo a limpeza, como se pretendesse sair da vida por um ato mágico e súbito. Naquele instante, todos os incidentes da sua vida, as visitas do seu tio ao seu quarto, a fome que passou enquanto deambulava, a recordação dos seus pais e da vida tranquila que gozou, a nitidez daquilo tudo se esboroava na alegria que sentia. Era essa a verdade, sentia-se feliz, livre, e alegre! Mal entrou, Sollange sentiu-se envolvida por aquela atmosfera. Eva estava de pé junto do lava-loiça. E continuando até à mesa, Sollange pousou a pasta de costas, sem precisar ser um médium, notara que o estado da Eva estava profundamente transformado, ao soar melhor o canto com um poder que até então ignorava, recheada de uma

aveludada doçura. «Como ela está hoje a cantar tão bem», influiu Sollange. Aquela canção parecia retirar o melhor de si, como se fosse elevada a um alto cume. Nunca a vira assim antes.

— Então, amiga, tua alegria vem a que propósito?
— Após a pergunta, sorriu afetuosamente a Eva.

— Olha, olha, minha amiga, o amor! — respondeu ela corando e com um sorriso — sim, minha amiga, muito amor!

— Hum... Então, o fim de semana foi maravilhoso!

— Não te conto, minha amiga, nem te conto. Foi fantástico!

— Ah, isso é bom!

— Mas, não posso deixar de reconhecer que tenho certo receio, dá-me um frio na barriga tanta alegria.

Eva encolheu os ombros.

— Mas, minha amiga, qualquer relação gera problemas. Não podes esperar um mar de rosas apenas, é melhor contar com os seus espinhos.

— Eu sei, mas o meu passado me persegue!

— Ah, querida, deixa-te disso, são tolices! — exclamou — Não há relação que não dê problema, se não é por isso, é por outro fator. Claro que isso não vai se dar sem turbulência, afinal isso socialmente tem um peso específico e ele terá que se debater com ele e igualmente tu mesmo o terás de

enfrentar. Mas nada que não se resolva e não se ultrapasse. Prepara-te para o pior, sem te negares o direito de viver esse amor e essa relação.

— Ah, sim, amiga, é o que mais temo e me inquieta.... — lançou um olhar a Sollange e viu o seu ar tranquilo, que a animou — mas, OK! A ver vamos no que vai dar.

— Amiga, vamos preparar algo para comer, depois voltamos a este assunto.

Quis acrescentar algo, mas não lhe saíram senão suspiros. Mobilizaram-se a confeccionar algo, sem abordar aquele assunto, dispensando-se a conversar de outros tópicos e incidentes. Qualquer que fosse a conversa, não perdia a questão de vista, sem a deixar encarar, ainda que tivesse a bondade de continuar a conversa. «Procedo mal ou bem? — perguntava Eva de si para si — Eu coloquei a questão porque a considero importante e a Sollange tem as suas razões para continuar esta conversa». Não tinha resposta para tudo aquilo, de mais a mais, ainda não morreu e ainda não acabou. Só a morte tudo termina. «Mas que importa o momento comparado com a eternidade? Os meus sofrimentos e as lutas que travei ante a poeira do tempo e a incerteza do que virá?», inquiria Eva. Lançava de tempos em tempos os olhos para a Sollange, parecia percutir algo fugidio nela, naquele olhar inteligente e penetrante. Embora tudo em si estivesse confuso,

sentia o desejo de travar a conversa com a amiga, ainda que o seu árduo problema a ensombrasse. Depois de tudo pronto, sentaram-se para comer e se deixaram absorver pelo exercício.

Teve de repente um sorriso terno e maternal, ao lembrar-se da sua profunda ignorância, veio em seu socorro Tolstoi, porque afinal era verdade, um indivíduo, por si só, não pode atingir a verdade, a ela só se chega pedra a pedra com a participação de todos, através de milhões de gerações. Sorriu.

— Devo confessar-lhe, amiga, que para mim a vida continua sendo um mistério — disse Eva de súbito — Nada é certo. E nisso reside o mistério. E digo isso como se ouvisse a mim mesma. Calou-se e olhou para Sollange atentamente e sorriu. Guardaram silêncio sem ninguém se atrever a rompê-lo. Sollange sorriu benignamente, com ar maternal.

— Sim, sim, é difícil compreendê-la, talvez Tolstoi é que tem razão, a suprema sabedoria, só tem uma ciência, a ciência do todo, e como a nós não é dado atingir o todo nos resta irmos de escada em escada, aceitando as nossas insuficiências: a nossa humilde existência e o que potencialmente podemos atingir, transformando-a.

Por um instante, sem deixar romper o silêncio e sem reclamar dele, passou todo o filme das suas vidas. E como um movimento involuntário abalou Eva.

— Vivemos as nossas complexidades contraditórias de forma aborrecida, não as olhamos do ponto de vista da sua beleza, do que se pode criar com ela. A vida não é só aborrecimento, sob nova luz a vida pode valer a pena. E sem hipocrisias, viver pode ter encanto, prazer e esperança, nos absorvendo com inteireza de espírito.

— De facto, amiga, estou de acordo.

— E podemos deixar as nossas vilanias e torpezas a descansarem no esquecimento ou na poeira do tempo.

— Diria que sim, amiga, até porque a paixão de viver dá-nos ouvidos para ouvir e ver enquanto se anda. Podendo dar forma os nossos sonhos ou escavá-los de dentro de nós.

— Eu acho que assim poderemos nos alegrar com as nossas pequenas tolices, por tudo o que nos podem ensinar.

Enfim, a conversa tomou caminho, acertando os seus descaminhos e colocando alguns pontos nos is, entre sorrisos e mútua satisfação, enchendo a casa de alegria e de fraterna animosidade. Logo que terminara aquele conluio, despediu-se da amiga e pôs-se a ler um curioso livro e dessa leitura colhia certa satisfação, que se foi perder na bruma da noite.

CAPÍTULO X

Victor mantinha então relações necessárias com os amigos, pois como fossem colegas de trabalho havia uma obrigação diária de se contactarem, eles mantinham uma simpatia de faz-de-conta, o que o perturbava. Sempre que a conversa saísse do fórum estritamente profissional, desandava em ironias, talvez por isso os últimos tempos passava mais com Eva. Sentia-se satisfeito por isso, à parte os embaraços. Com Eva podia falar de suas tolices, quando não fosse às bílis de algum aborrecimento qualquer. Para malgrado seu, os dias seguintes, as fofocas e o ridículo aumentaram, como é natural, o que se fez notar no escritório. Como se sabe, a fofoca e a verdade parcial temperadas de más percepções têm o hábito de decidir o destino da imagem que se forma de algo ou de alguém. Em suma, foi o que se passou. Victor não revidava, tratava de ignorá-los, em manobras que o levavam a se concentrar estritamente

no trabalho e manter relações estritamente profissionais, evitando os amigos. O ambiente tinha chegado ao seu ponto crítico, por isso, se viu obrigado a fazer aquelas manobras. No entanto, no meio a esse frenesim, chegou a notícia da sua promoção. O que azedou mais a situação, diante do comportamento ortodoxo e deselegante dos seus amigos.

Victor limitou-se a não responder, embora soubesse haver um fundo de verdade, que não era, no entanto, ali chamado. Não era o assunto em si que o indispunha, mas a forma como foi trazido a baile e fora de contexto. Aquele assunto a si dizia respeito. Não era assunto para um tabloide de jornal. Aproximou-se de outros colegas e começou a travar novas amizades. Aquela intimidade formada pelos três ficou um mundo à parte e sobre cinzas.

Pouco depois de tomar a sua nova posição, que tornava os seus antigos chefes seus subalternos, logo que a assumiu, convocou os seus colegas e explicou-lhes suas intenções e as remodelações que tenciona efetuar na empresa. Como sempre há os não satisfeitos com o novo chefe e os que compreendem a necessidade das mudanças propostas e que sentem simpatia pelo chefe, apesar de o frufu da sua vida particular ter vindo ali parar. Os que tinham os seus desagravos viriam a engolir aquilo a seco, sem outra aquilatada saída. Até porque temendo perder as suas posições, o melhor e o mais avisado

era encolher a cauda ao rabo, se as quisessem ver intocadas ou melhoradas.

A nova posição precipitava as relações entre ele, os colegas e os clientes, assim dando-o uma nova condição social, que fazia que à sua volta se acumulassem amabilidades e convites. Afinal era ele agora o diretor de uma das empresas mais importantes de fornecimento de dispositivos e de serviços informáticos. Saindo da posição de técnico a de gestor, passando a ser absorvido por reuniões, jantares, almoços e festas, que não lhe davam muito tempo para estar com Eva, por isso, depois de passados os primeiros embaraços, às diversas saídas noturnas ia com seu doce de coco. Se, no princípio, parecia-lhe aborrecido, agora até a mais enfadonha das festas surgia-lhe sob novos olhos. Então, por fim, decidiu-se a mudar aquele estado de coisa: agora acabou-se!

— Eva, não queres vir viver comigo? — Eva olhou-o sem o responder. Sorria. — Vamos lá, Eva, queres ou não queres viver comigo. Eva tomou um ar sério, vendo a sua séria ansiedade.

— Não sei! Falaremos quando chegarmos em casa.

— Mas, o que é que custa responder?

— Querido, falaremos quando chegarmos em casa.

— Ah, OK! Tu é que sabes. Mas não vejo em que é que isso é difícil.

Sentia-se Eva coagida a confessar que aquilo lhe pegara de surpresa e era preciso antes ter uma conversa séria a respeito. Afinal, ela tinha o passado que tinha e só até aquele passo a relação tinha sido motivo de controvérsias e desentendimento e de mal-estar. E entrar por aquele caminho, embora fosse o que queria, impunham-se embaraços. No fim do jantar, decidiram ir a casa do Victor. Durante a viagem, puseram-se a conversar de minudências, o que lhes encheu de alegria, porque diziam de si e das coisas sem precisarem se vigiar. Era difícil conceberem-se pessoas mais felizes.

CAPÍTULO XI

Eva espreguiçou-se. «O que há de lugar na solidão? O que há de tormenta na alegria? Destas leves mãos só a memória sobrevive», pensou. O dia sempre começava alegre como se um pássaro cantasse ao seu ouvido. Apesar de toda a sua boa disposição, sentia-se contrafeita com algo em que ruminava. Levantou-se e pôs-se a passear no quarto, corou ao se aperceber do prazer que lhe dava ver Victor animado e tomado pelo gosto de poder viver com ela. Quando Victor colocou a questão falava com prazer e facilidade, como alguém que andasse naquilo a pensar há muito tempo, daí ter sentido a alma a animar-se-lhe a cada instante, desenvolvendo os seus argumentos com clareza e nitidez. Eva não pôde deixar de pensar, lhe vindo à cabeça uma porção de coisas, sem conseguir conciliar o sono, virando-se na cama de um lado para o outro. Victor preparava-se para ir ao serviço e, antes de sair, *puf!*

— Bom dia, querida! Então, vens ou não viver comigo? — Perguntou Victor enquanto abanava a cabeça, ansioso.

— Ah, Victor, deixa-me dormir. Tu sabes que eu aceito.

Retomou o seu sono, enquanto Victor ia a sair. Se ela estava viva e não era culpa sua, deveria, a todo o custo, procurar viver para tornar a vida o mais agradável possível. Não tinha ela, afinal, menos direito que os outros, porque, até onde se lembrava, Victor se exprimia, a respeito, com tanta convicção, sem, apesar dos seus esforços, se conseguir dominar, acumulando desejos e projetos que lhe animavam o discurso.

À tarde, Eva e Sollange puseram-se a arrumar as coisas da Eva. Sollange deitava olhares furtivos, rompia de momento a momento o silêncio para fazer uma troça, apontava-lhe os espaços vazios e os móveis cobertos. Eva respondia por monossílabos, parecia mergulhada em intraduzíveis pensamentos, ao corar.

Sollange dizia para si que a amiga passaria agora para uma nova fase da sua vida e que precisaria de maior apoio. Refletia na maneira como a ajudaria e como tudo isto mudaria a sua vida.

— Vejamos: o que é que te faz sentir assim? — Atacou Sollange — O que é que te faz estar assim?

— Estar assim, como?

— Assim como estás agora e como te sentes? Sim, é isso, o amor. Não precisa corar. Não é uma coisa que te deva inspirar vergonha, mas o contrário. É a melhor expressão do que somos e do que há de eterno no homem. Afinal, a partir dele, os homens ultrapassam os entraves sociais que os dividem, questionando o sentido da vida.

Compreendia Eva que ela tinha razão, ao continuar a ouvi-la. O brilho especial dos olhos da Eva provavam que as palavras ditas nutriam algum sentido, visto que não a interrompia.

— Então, Eva, o que pensas de tudo isto?

— O que penso? Estou a ouvir-te. Nada mais... Sei lá, amiga, não faço ideia ou não tenho agora uma resposta que me seja clara. Afinal, nem eu pensei ser isto possível, embora o desejasse. Apenas sinto lucidamente que o meu ser se transformou, é nisto que reside a verdade.

— Sim, amiga, o que me convence é ver-te, em parte, outra pessoa, ou em processo de seres outra, sem deixar de ser, em parte, o que foste. És um ser que não conheço os caracteres, em parte, mas que se faz melhor, nesse caminho que me é incógnito.

Eva ficou em silêncio. Continuava a arrumar uns lençóis. O sol começava a ocultar-se.

— É preciso viver e amar, é preciso acreditar — disse Sollange — como diz o outro que é russo e não escreve livros de autoajuda.

Eva sabia que aquela relação acordara sentimentos há muito adormecidos, que a renovavam de juventude e alegria. Até porque, no fórum íntimo, havia um ser novo, embora conservasse a memória do que fora.

Era já noite quando Eva e Sollange se detiveram na entrada principal do prédio de Victor. No momento em que chegaram de *txopela*, Victor e o guarda do prédio, sorriam enquanto as recebiam. Carregaram as malas que elas traziam, ficando estas com as bolsas e alguns plásticos nas mãos, vendo os dois homens desaparecerem nas escadas do prédio. Subiram logo de seguida e cruzaram com o guarda a descer as escadas. Quando entraram na *flat*, encontraram Victor sentado num divã, levantando-se este logo que as viu.

— Oh, Sollange, sinto-me encantado com a tua ajuda e presença. Estou muito feliz por vê-la. — Disse Victor enquanto dava-lhe dois beijinhos nas maçãs do rosto. E sentaram-se.

Victor logo se levantou como se tivesse lembrado de algo. Foi à cozinha e voltou com uma bandeja com chávenas e algumas torradas e umas poucas iguarias para um pequeno lanche, tomado entre diálogos e sorrisos. Sollange sentia um grande bem-estar, que se diria não ter vontade de ali partir. Victor estava visivelmente mais animado do que de ordinário e embora os homens tenham a tendência

de não expressar o que lhe vai na alma, Victor não se fazia de rogado. A vinda de Eva teve esse efeito.

Às vinte e uma horas, Sollange fez menção de partir, embora apreciasse a força e o encanto de sua amizade com Eva e agora com Victor, que se mostrava de bom humor, ao tratá-la com afabilidade, fazendo-a sentir-se, de repente, uma velha amiga. Sollange partiu, enfim, e o casal pôs-se a elogiá-la, seduzidos pela sua afabilidade e ternura, a simpatia que muito iluminava as suas conversas.

CAPÍTULO XII

Quando Victor regressou do serviço, sentiu, pela primeira vez, como eram fortes os laços que o uniam a Eva, experimentando, ao se aproximar da sua *flat*, sentimentos que lembravam a sua infância. Beijou Eva com intensidade e ternura. Sentaram-se, logo de seguida no divã da sala e puseram-se à conversa sobre o dia um do outro, infundindo calma, tranquilidade e segurança. Victor não tinha ali os clientes com quem, cedo ou tarde, deveria se reunir, as oito horas de rotina sempre iguais, ou quase sempre, não estava envolvido por gente a quem os seus sentimentos e cansaços lhes eram indiferentes, mas com a sua amada.

Falavam pouco de política, tanto por não se saber nada ao certo, como por se sentir confusamente nada poder haver de bem, entre uma paz podre e a eminente guerra, ou entre a crise económica e a prisão da arraia-miúda, que nada acrescentava

à verdade, nebulada de boas intenções. Eva mantinha, como antes, com a Sollange, a amizade de ambas e as visitas que aquela empreendia, tornavam os seus laços mais estreitos como comentou com Victor. Eva estava animada porque Victor aceitara sem salamaleques que ela regressasse à escola, agora teria de fazer a preparação para o exame de admissão, tendo maior ocupação e dias mais cheios.

No dia seguinte, às oito da manhã, Eva saiu para se informar sobre os requisitos de admissão a um desses cursos de preparação para os exames, que se encontram a cada esquina da cidade. Refletia nas perspectivas que o ensino superior abriria para ela. Eva ouvia o estrépito de muitos automóveis na avenida. Certo é que não se ocupava com isso. De mais a mais, estava um dia esplêndido, nem frio nem calor. No meio da estrada um polícia de trânsito desembaraçava o engarrafamento, havia um burburinho qualquer que levou um automobilista a aduzir com ar furioso.

— Sai da frente, ó seu palerma!

«Que problema haverá?», perguntou Eva de si para si. Cinco minutos depois, entrou num edifício, onde funcionava um centro de preparação de exames de admissão. Dirigiu-se à receção. Tiradas as informações necessárias, saiu. Passou a manhã nesse corre-e-corre. O sol aconselhava a parar e tomar uma refeição, até porque ela já se decidira em

que centro iria estudar. Decidiu regressar a casa. Atrás de Eva ressoou uma voz conhecida. Virou-se.

— Oi, Eva, para onde vais? — Inquiriu o homem.

Como o homem lhe perguntasse com insistência onde ia, respondeu de maneira vaga e distraidamente, ao tentar se desembaraçar daquela presença inoportuna. O homem não a largava. Pedia-lhe o número de telefone, pois, segundo ele, há muito que tentava lhe ligar e o seu antigo número dava fora de serviço, uma vez que pretendia passar uma noite esplêndida com ela, como nos velhos tempos. Ela tentava conservar a calma, ao se cansar de repetir que já não era possível. No entanto, como este persistisse abalou Eva.

— Mas, o que quer que eu diga, o senhor, a si, hein? — Perguntou Eva com voz alterada.

— Apenas que diga que sim!

— Isto é um autêntico desperdício de tempo, já disse que não, — Gritou Eva encolerizando-se — Pois bem, solta-me, e não insistas, pois já disse que não!

— Bem! — disse o homenzinho sem se intimidar, negando-se a soltar-lhe o braço — Quer persistir com isto? Então, hei de mostrar-te...

— Vá para o inferno! — Disse Eva, voltando-se a um polícia que se encontrava ali perto. — Ó senhor oficial, diga, por favor, a este senhor para me soltar.

O polícia aproximou-se, o homem largou-a logo de seguida, embora se mostrasse contrariado.

— Toca a andar! — Acrescentou o polícia.

— Ora, senhor polícia, esta é apenas uma puta!

— E depois, qual é a relação entre a cauda e o cu?

Põe-te a andar! — Disse o oficial, veementemente.

— Ora vejam! Uma puta...

— É melhor o senhor pôr-se a andar, porque, aviso, que te vou prender! — Acrescentou o oficial enquanto pegava as algemas, fazendo o homenzinho desaparecer no fundo da rua. O oficial voltou-se para a Eva que se mantinha em silêncio.

— Tudo bem, senhorita?

— Bem, eu logo me recomponho — Aduziu Eva

— Porquê não o prendeu?

— Bem, senhorita, aqui tem como eu encaro o caso: não creio que seja caso para tanto, as cadeias estão abarrotadas de presidiários e, até onde sei, há casos mais graves com os quais nos devemos preocupar e resolver.

Eva não respondeu. Continuou a sua caminhada. «O que mais se poderia esperar? Mesmo que se quisesse meter queixa, ter-se-ia que se seguir um conjunto de trâmites morosos e uma caudalosa burocracia, que o caso levaria uma eternidade para transitar a julgamento e com hipóteses mínimas de lograr frutos. Quem é que nos impõe o silêncio é, de facto, a impunidade e essa escandalosa burocracia, a mistura com a falta de ética profissional e todo um corpo de promiscuidades consentidas», infltiu

o pensamento, obrigando-se a ficar calma e a recuperar a sua tranquilidade.

Ao meio-dia, Eva entrou em casa. Afetava animosidade, mas a cena de há pouco a perturbara, precisava desabafar com alguém. Enfim, seguiu-se o almoço. Eva sentia muito vivamente a ausência de Victor e da amiga. «Há aqui a epidemia do silêncio, com todo o serviço às costas, que não se tem como passar pelo seu cheiro sem tapar o nariz e se deter, antes de poder prosseguir. Os que passam indiferentes a isso são heróis anónimos. Somos pessoas e não excremento ou carne putrefacta. As putas também têm direitos. É sim, dirão alguns que não há nada a fazer, é o país que temos, como se tivesse que ser sempre assim. E veja que se apregoa a democracia, igualdade e coisa assim, quando só alguns têm tais privilégios. Como se pode viver assim e, principalmente, ter-se alguma felicidade? Na verdade, toda a alegria disfarça o azedume que se sente». Eva levantou-se, sorrindo com ar contrafeito. «Não posso apagar a história da minha existência passada», insistiu Eva de si para si. «Quando são os ladrões dos dinheiros públicos, a esses aplaudem, como se fossem os mais virtuosos homens. Já as putas, a essas reduzem a esterco e a uma questão inconveniente. É deselegante sequer mencioná-las». Eva parou interrogativamente e compreendeu a ironia de tudo aquilo. Viu a empregada a desaparecer pela porta da cozinha.

No momento em que entrou no quarto, consultou o celular para ver a hora. Desde que entrara naquele mundo urbano que ela passou a ser conhecida por aqueles que travavam relações com o Victor, indo-se habituando a não passar sem ela, pois em vez de a evitarem como até há pouco ocorria, olhavam-na como uma nova personagem. Eva aproveitava a obscuridade de não ser conhecida para passar invisível e não se chatear com ninguém. Agora tinha frequentemente encontros chatos, embora houvesse uns poucos muito agradáveis. Parou no limiar da cama. Depois de refletir, tendo-se apercebido de que a leitura seria a única companheira para passar as horas até chegar o Victor, muito calmamente, pegou num livro e sentou-se na cama a lê-lo. Ficou sozinha no quarto, lendo durante muito tempo, sem se dar conta do evoluir das horas.

Victor chegara do serviço meio fatigado. Ligou a televisão enquanto cruzava a sala, passava a notícia de que, nesse dia, o governo e a oposição se reuniram para assinar o acordo de cessação das hostilidades. Quando Victor chegou ao quarto, encontrou Eva absorta na leitura. Cumprimentou-a e nada de resposta. «Ela quando lê se desliga do mundo», pensou Victor, como uma ideia sedutora foi beijá-la a maçã esquerda do rosto. Eva, ao notar a sua presença, beijou-o demoradamente. Victor saiu do quarto logo de seguida. Eva continuou a leitura, até achar um ponto ótimo, onde parou, deixando livro por cima da cama.

CAPÍTULO XIII

Na sala, a que se dirigia Eva, estava Victor sentado e a tomar chá. Ao aproximar-se dele, beijou-o. E sentou-se ao seu lado. Ficaram ali abraçados enquanto viam um breve bloco de notícias na televisão. Eva ora recordava-se da rua escura e sombria, da mudança que tudo aquilo lhe causou e da sua intensa impressão, ora se lembrava da baixa em ruínas, a imundície e o mau cheiro. Outras vezes, pensava na Sollange, por quem tinha um grande afeto e consideração. Esses pensamentos díspares assaltavam-na.

A notícia do acordo de cessação das hostilidades a tirou daquele estado. A conversa de ambos incidiu sobre tal acordo. «Não ser sozinho é a única garantia que tenho agora», pensou Victor. Enquanto dominava-se para seguir a história do dia da Eva. «Eva tem o direito de ser quem é sem ter de usar uma máscara para poder passar por

outra e pela aprovação social, mais a mais, para mim está aprovada e isso é que importa. Sei que perdi amizades, se podemos chamar as relações que tinha de amizade, que muitos atualmente me olham de esguelha, se alguns pudessem me expurgavam, mas a minha posição social os impede, sentem-se humilhados por isso e rebaixados à condição de servos ou funcionários subservientes. O que se há de fazer? O mundo tem os seus ruídos sintomáticos, as suas contradições e todo o cheiro putrefacto do que se silencia».

Eva, de seguida, pediu-o para que lhe contasse como passou o seu dia, no que Victor se pôs a recompô-lo, pedaço a pedaço, peça a peça, em seus pormenores e rudezas, e os pequenos golpes de sorte que o tornaram menos enfadonho e do trabalho que deu para torná-lo menos enfatiado. «Porque vale a pena viver, não posso desistir», pensava enquanto dizia algo a Eva, que se dirigia à cozinha.

«Existem certos bairros cuja aparência inspira tristeza, talvez porque nesses bairros há casas que se encontram em silêncio, que julgaríamos desabitadas, se de súbito não nos deparássemos com o burburinho das ruas que as enfileiram, com os seus montículos de jovens à conversa ou o aglomerado de gentes nas barracas a produzir um ruído descomunal. Os elementos de tristeza vêm do aspeto de suas habitações e cercas de espinhosas

ou de alguma chaparia, a mostrarem as estruturas das casas a caírem aos bocados ou em ruínas avançadas, frias e sombrias, embora quase sempre os seus quintais se conservem limpos e varridos. Poder-se-ia pensar fazerem parte da parte velha da cidade, mas são os mais recentes bairros que foram, desordenadamente, surgindo nas bordas de betão, povoadas de casas de caniço, de madeira e zinco, que com o tempo foram se transmutando nas de alvenaria. É difícil passar por estas sem admirar os seus atalhos, as referidas ruas que na verdade são poucas e em terra batida, que podemos reconhecer pelos pedestres e pelos poucos carros que as percorrem a levantar poeira. Outras casas têm paredes tão frágeis que parece que o seu tecto vai beijar obliquamente o chão, cujas janelas gastas, quando as há, encontram-se enegrecidas, apresentando frágeis dobradiças que a sua estrutura torna difícil a sua decifração. A história da liberdade e do homem novo encontra-se ali representada. Conforme a natureza do desenvolvimento, nas bordas ou em certas bolhas dos bairros, foram sendo erguidas ou rés-do-chão e primeiro andar ou vistosas casas, onde os seus muros altos simbolizam as ascensões sociais, ou a arca que protege os seus habitantes das hecatombes, ou do olho gordo e invejoso, que desde a primeira década de dois mil agitaram as pequenas empresas de construção e dos mestres-de-obras que

levantaram as suas paredes. A ingénua simplicidade das casas destes bairros e a tosca engenharia nelas projetada servem para expor a administração das cidades e de todo o comércio político. Olha, não se pratica aqui nenhum tipo de fofoca ou intrujice. Um raio de sol enriquece-os, uma chuvada arruína-os. Nestes bairros, as vicissitudes da atmosfera dominam a vida. As pessoas neles temem a chuva e a forte ventania, que pode arrancar os tectos das casas. Só o sol lhe rende um bom dia ou bom sábado, um para o dia de trabalho, o outro para as pessoas gastarem, na maioria homens, em alegres reuniões nas barracas, a beber, a fazer discursos, comentários e a elaborarem alguma teoria qualquer de conspiração. Enquanto, os menos endinheirados se aglomeram na rua, de baixo de uma árvore ou sob a entrada de uma das casas, em conversas onde o mote da conversa é alguém famoso ou de qualquer coisa que virou moda. Nestes bairros ninguém cozinha ou assa um frango e passa despercebido, sem que as senhoras o notem logo e se reúnam em algum ponto da rua para comentarem o facto». Victor infleti e sorriu.

— Do que te ris, Victor? — Perguntou Eva, depois de se sentar, arrumada a mesa de jantar.

— Nada de muito importante, mas parte do que me fez rir foi recordar-me da história que se conta do meu pai. Dizem que ele veio de Inhambane,

mas quando chegou ao Bairro da Polana Caniço muito cedo conquistou uma reputação, ao passar a ser chamado por tio Guambe ou Sr. Guambe, como fosse carpinteiro e soubesse ler, escrever e contar, conseguiu, com a sua quarta classe, ficar chefe das oficinas de carpintaria de uma grande empresa de construção civil, no período colonial. O que lhe permitiu construir uma casa de madeira e zinco, e umas tantas perto do quarteirão em que vivia. Assim, quando a primeira República se constituiu já se tinha casado com a minha mãe e tinha nove filhos, seis mulheres e três homens, sendo eu o mais novo. Embora tenha havido nacionalizações, conseguiu através de múltiplos artifícios conservar o seu património, até porque era já nessa altura membro do partido e secretário do bairro. Como fosse ambicioso, a partir de 1992 acumulou um conjunto de bens, entre eles uma *flat*, na qual vim a viver e que agora se encontra arrendada, afinal diz-se ter sido ele um defensor da economia de mercado. Não é por acaso que vem a ser nomeado administrador de uma empresa de construção civil, que fora estatal e depois se tornara de capitais privados. Infelizmente perdeu a vida num acidente, onde estavam meus dois irmãos e cinco de minhas irmãs, tendo morrido todos, escapando eu e a minha irmã que está na Beira, casada com um empresário local. A minha família, se é que assim a posso

chamar, tem propriedades que o meu pai mandou vantajosamente registrar. Daí ter feito a faculdade fora e ter conseguido manter o meu alto padrão de vida, até conseguir este emprego e comprado esta *flat*. A comprei por uma questão de ter de me sentir dono de algo e não mero herdeiro, talvez por isso não tenho conflitos patrimoniais com minha irmã. Mas, como eu disse, o meu pai inspirava estima e respeito a que tem direito um homem que nunca devia nada a ninguém. Ninguém, até onde se sabe, o via passar sem experimentar um sentimento de admiração misturado de respeito e de temor. Era um homem simples e falava com frases curtas, sentenciosas, ditas em tom grave, como uma fórmula peremptória. Parecia deter-se, muitas vezes, a pensar demoradamente sobre os mais pequenos negócios. O nariz, grosso na ponta, ostentava um lobinho venoso, que o povo dizia, e com razão, estar cheio de malícia. As atitudes, os modos, o andar, tudo indicava nele confiança e firmeza, como um gesto automático...

— Ah, na verdade, o teu pai vivia como um cão-polícia, assim obrigado a dormir com um olho e vigiar com o outro.

Victor soltou uma enorme gargalhada, ao ouvir a primeira graça dita em toda a noite por Eva, e emudeceu. Assim, depois de alguns momentos de conversa e graças sérias, foram para o quarto, não

falavam da crise económica ou de dívidas ocultas, que eram o assunto do momento nos *media*. «Embora todos prefiram a beleza à velhice, ninguém escapa dela. No entanto, a vida passada com beleza torna a velhice ainda mais bela e reconfortante», pensou Eva, servindo-se da sagacidade de análises para entender o grande acontecimento daquele serão. «Nossa senhora! Como o Victor é belo», infltiu Eva, enquanto o contemplava adormecido, parecia ter dormido sem ter pensado nada. Ouvia o seu respirar calmo, como a espelhar o seu carácter. «Agora este homem ao meu lado é o meu homem...», pensava Eva, que adormeceu e teve pela primeira vez sonhos de amor.

Matinal como sempre, levantou-se e foi à janela do quarto, perguntando a si própria o que faria de tudo aquilo. Abotoou o roupão, corria um fundo de frio pelo quarto, ficou espantada, ao olhar o relógio na mesa-de-cabeceira, por serem ainda cinco e quarenta e cinco minutos. Eva olhou para os altos terraços, a vista melancólica, limitada, mas que não era destituída da misteriosa beleza de natureza morta, onde os primeiros raios de sol já anunciavam a sua matéria. Eva descobria encantos completamente novos no aspeto daquelas estruturas de betão, antes tão banais.

Eva limitou-se a cruzar os braços, ficou-se à janela, olhou para aquele jardim de betão e estradas,

enquanto mil pensamentos confusos lhe nasciam e se cruzavam na alma, à medida que aumentavam lá fora os raios do sol e como um balão de claridade o quarto se enchia de cor, tendo, de súbito, aquela reação de prazer vago, inexplicável, que envolve o ser e a natureza, sem se dar conta da fuga das horas. O rasgado dos olhos acenava qualquer coisa de divino e belo, mormente a dor e sofrimento, estes não tinham nunca alterado ou fatigado a sua expressão de prazer, como se transmitissem encanto à consciência.

Manteve-se à janela a ouvir os ruídos da cidade. «Ele nunca mais se levanta», murmurou ao ouvir a tosse matinal de Victor, e as idas e vindas deste, rebolando na cama. Eva foi à borda da cama e tocou-o de leve.

— Victor, amor, acorda! Já está na hora de te preparares para o serviço.

— Ah, Eva, deixa-me dormir mais um pouco.

— Não, não, senão te atrasas — Disse Eva — Vamos acorda!

— Então, preparas o café, enquanto tomo banho?

— OK, mas levanta-te!

Victor saltou da cama e foi para o banho. Enquanto, Eva fazia o café. Sentiu uma necessidade louca de fazer algo de especial para ele: mas o quê? Nem ela própria sabia. Parecia agora despertar-se o espírito de mulher e certo espírito maternal como se atingisse a plenitude da sua inteligência e desejo.

«Todas as mulheres, mesmo as mais parvas, têm astúcia suficiente para conseguirem os seus intentos», pensou Eva, no mesmo momento que arrumava o café e os biscoitos que ela preparou. «Afinal a vida é feita das pequenas alegrias que se consentem e se conseguem. As grandes alegrias têm a importância que têm pela escadaria que se sobe a elas, mais a mais; o que seria do mundo sem pequenos milagres», aturdiu Eva, pousando a bandeja.

— Bem, querido, aí está o teu café!

— Obrigado, querida!

— De nada, é só um pequeno agrado!

— Mas tem muito mais sentido do que muitos rodapés ou as centenas de páginas escritas com silogismos ou argumentos.

Eva corou. E sorriu. Victor não tendo mais nada a dizer, puxou do relógio, e vendo que ainda podia dispor de uma meia hora antes de sair, beijou a mulher, e disse-lhe:

— Queres que traga alguma coisa quando voltar?

— Não. Nada.

Eva ouvia-o a falar, sem saber que se aproximava o momento que tanto desejava, no qual Victor pronunciaria a respeito de uma decisão. Eva contemplava, de quando em quando, a paisagem bolorenta pelo embaciado dos vidros. Victor acabou de tomar o café. Levantou-se e disse:

— Volto ao meio-dia para o almoço.

Tirou umas luvas, calçou-as e saiu. Eva, depois de ter dado uns passos a cantarolar, pela cozinha, fez-se à porta principal ao ouvir o trim da campainha. Era a empregada. Entrou e dirigiu-se à cozinha. Eva retirou-se ao quarto. Pôs-se novamente à janela. Os sentimentos até então adormecidos, manietados, agora acordados de suas cinzas, eram enriquecidos de frescor e abundante alegria.

Naquele momento toda cidade falava à boca pequena da união de Victor com uma prostituta, da falta de pudor de um católico dedicado, da falência dos valores morais e da ética e da chegada da corrupção e da promiscuidade social. Para satisfazerem os seus egos e os seus interesses comuns, não faziam alarido de tal facto e mantinham tudo preservado.

Eva deixou-se ficar ali a ouvir o frufu da cidade. «Mas devemos nos resignarmos à nossa sorte?», inquiriu. «Não será antes necessário modificá-la, melhorando-a? E não aceitarmos ficar acuados como ratos assustados? Se ficarmos em lágrimas o que é que isso modificará à nossa condição e à realidade que nos cerca? Eu acho obrigatório fazer-se alguma coisa para modificar a nossa condição e realidade, até porque efémera e fugaz. É claro que tal verdade é calculada pela virtude, que se atreve a ser caridosa, assim como pelo vício, que se recusa a ser paciente e nobre. Muitas vezes, certos atos humanos parecem sem consequências,

mas lá eles nos surgem sem sabermos as causas ou as razões de sua emergência, outras vezes até descortinamos o fio à meada». O amor profundo de Eva deve ser analisado nas suas fibras mais íntimas e delicadas, porque se tornou, à parte a sua amizade com Sollange, a pedra de toque de sua existência, ao influenciar todo o seu ser. Muitas pessoas preferem negar tal facto e medi-lo a partir da ideia de um Homem universal, ou através de uma moral, sempre mais simples, ou ainda através do passado da Eva como se ela não fosse um sujeito que sofre mudanças e que se deixa afetar pelo seu semelhante, para o bem ou para o mal. Não é por acaso que o moralista se faz apenas de uma moral, que apregoa, e do desdém que sente pelos que não se conformam a ela. Mas como a realidade é elástica, vendo-se sem forças, acobarda-se. Fingindo compassiva compreensão. Não é por acaso que Eva se recusa a ser tomada como uma mulher geral, pois tem a sua própria subjetividade. Eva levanta a cabeça, ao adivinhar instintivamente a presença da empregada.

— Desculpa, Joana, o que foi? — Perguntou ela, sem fazer ideia da hora.

— Desculpa, dona Eva, disse-me ontem para lhe lembrar que às onze horas precisava ir para algum lugar.

— Oh, veja só, Joana, já me ia atrasar, obrigada!

Joana sumiu por trás da porta, enquanto Eva entrava para o banho. Eva foi à cozinha, depois de vestir-se, deu algumas instruções a Joana e saiu apressada.

CAPÍTULO XIV

A escada, tantas vezes subida e descida, onde ecoava o ruído dos seus sapatos, parecia a Eva ter ganho um ar velho, já não a ouvia em suas minudências, perdera toda a força do passado, sob o pretexto de a examinar percebeu como tudo ficou mecânico e inverosímil. Percebeu como o seu corrimão deixou de ser sua fiel amiga, não se lembrando da data em que tal cisão ocorreu. Eva não pôde deixar de sentir um certo enternecimento profundo ao constatar tal facto e segurou-o durante alguns minutos. Do que conheceu da sociedade maputense sabe que tal como ela o corrimão parece ter um coração indiferente e frio. Esta suave comoção empurrou-a à consciência de tudo, no meio a sua alegria, ainda que inesperada. Apressou o passo, cumprimentou o guarda, um velho que ali trabalhava porque não fora reformado depois da falência da empresa de segurança em que trabalhava.

— Então, senhora Eva, tudo bem?

— Tudo, Joaquim, melhor impossível.

E saiu portão fora. Eva sentia-se feliz. Não simulava alegria, sentia-a verdadeiramente, o seu véu estava espalhado sobre as suas feições, que lhe dava um ar interessante. Talvez Victor a tenha amado por isso, porque tal contrariava o que era de se esperar. Afinal, os semelhantes atraem-se. Nesse momento a cidade estava fresca, iluminada pelo sol. Eva ia fazer a inscrição para iniciar as aulas de preparação para os exames de admissão.

No dia seguinte, as aulas começaram, onde usou a habilidade adquirida no contacto com os homens, e que lhe valia, muitas vezes, arrancar o conhecimento que pretendia com mestria e subtileza das suas perguntas. Um dos professores encheu o seu olho gordo ao parecer querer levar mais alto as suas intenções, através de suas falas mansas. Assim conduziu àquela importuna situação, talvez, porque existem certos espíritos, como certos animais, que deixam de procriar quando transplantados para longe dos climas que os favorecem. Então, era preciso conduzi-lo a manter a motivação e a esperança para fazê-lo dar o melhor de si, ainda que se sentisse impacientado sempre que desenvolvesse a conversa para outros caminhos que não fossem os escolares, uma vez que Eva lembrava-lhe que deveria voltar para casa às pressas para fazer o jantar e atender o

seu marido, o que toldava o raciocínio do professor, ao fazê-lo emudecer-se.

— OK, dona Eva, até amanhã na aula!

— Até amanhã, senhor professor! É tão querido comigo, obrigada! — O professor julgou-se o escolhido da Eva — Tchau!

Despediu-se humildemente Eva, tomando o ar de uma criança ingênua, parecendo, no entanto, prestar-lhe o maior respeito e as maiores vênias, como se levasse o cão bem longe, acenando-lhe com um pedaço de carne. O professor ficou felicíssimo com aquilo e enquanto Eva gingava o corpo ele olhava-a e a forma como a perscrutava anunciava um burburinho interior de ânsia de a possuir, embora há pouco tivesse sido tomado pela expressão de um juiz aborrecido com as alegações da defesa, sem, contudo, poder deixar sinais de mostra. Todo aquele gingado era uma manobra de Eva para o tirar do sério, diriam alguns, mas quem a conhece sabe que aquele lhe saía como o seu respirar. «Pois bem, Abelardo, — exclamou o professor de si para si quando Eva tinha sumido da avenida — começou me tratando por senhor professor para no fim, dizer que sou tão querido com ela, bom, já é um passo», infletiu o professor enquanto caminhava. «Com toda a tua inteligência, só precisas dar tempo ao tempo». É próprio do caçador nato entusiasmar-se com a caça e apaixonar-se pelo meteoro do

momento. «Virgem santíssima! O que é isto, é paixão?» — Disse Abelardo de si para si. E sumiu da avenida, sem suspeitar de aquilo contrariar Eva, nem dos objetivos da sua ingênua e afável presença. Enfim, deixou soar um pensamento que atravessou o ar: «Sei que talvez faça mal, mas irei à carga!».

Aquela paixão momentânea impediu-o de fazer o cálculo frio, ao formular desejos e ao conceber planos que veem com desgostos ser continuamente a hora agá e se ver retardado pelo jogo de sensualidade e promessas futuras. Poderia ele imaginar que Eva realmente amava o marido e que esse amor a impedia de sequer conceber a infidelidade. No entanto, em seguimento disso, aquela paixão enraizou-se no coração do professor, que naqueles três meses, se transformou em amor verdadeiro e sem reservas. Já não receava o falatório e os problemas de ética e de deontologia profissional que daí resultariam. Embora Eva tenha desenvolvido uma frieza nas maneiras e no tratamento que o dedicava, este entendia como jogo de sedução. Para um caçador nato, tudo é jogo e ele só tem sentido quanto mais difícil é a medalha que conquista. Até porque para ele o seu sorriso e a sua afabilidade demonstram que ela o ama, que está apenas no jogo de se fazer de difícil, tornar o fruto mais apetecível.

O professor, tal como o caçador ingênuo, perdera-se em fantasias românticas, deixando de ver claro,

interpretando falsos sinais como sinais verdadeiros, que explicam a vitalidade daquele amor, esquecendo-se, como um caçador, de colocar-se calmo e silencioso para lograr o seu próprio interesse. Desleixou-se e deixou-se levar por ingénuos movimentos do corpo.

Este engano tinha artifícios velhos e novos. À vista de tal beleza, lançou-se num mar de aflições. A beleza da Eva fazia-o esquecer os erróneos cálculos e embaraços reais, que o impediriam de possuir seja o que for. Não pensava nessas ninharias senão em Eva, tão preciosa para ele, e conseguiu compreender que a amava. Parecia que dois Abelardos ali se encontravam, o que era e o que terá sido, fazendo que a sua alegria o assustasse ao atingir o auge. Tentou, em vão, recompor-se.

Dias depois, Abelardo parecia ver cumplicidade nos olhares que trocava com Eva, que aprofundavam os seus sentimentos, como se aquilo abrisse as suas asas radiosas, ainda que construídas sob um frágil palácio, ávido por antecipar o tempo da colheita, diante dos pequenos nadas que lhe transportavam de alegria. O pequeno crime que representava aqueles olhares, a que os colegas da Eva fingiam ignorar, imprimia naquele amor a vivacidade dos prazeres proibidos. Ficando este a falar e a tirar as dúvidas dos alunos com um encanto e energia que não se vira até ali, sentindo prazeres desconhecidos com tal exercício, já não achava enfadonho ver os alunos

a fazer os exercícios que preparava ou os ouvir em conversa animada pelos corredores. Daí que os olhares, as palavras ou os pequenos gestos da Eva encantavam-no, agarrando-se àquela felicidade. De qualquer modo, agora o dia passava entre recordação e ansiedade à espera da hora da aula para a contemplar e certa melancolia de ver as horas passarem, porque os factos simples tinham agora um outro vulto, outros pormenores que não lhe escapavam.

Finalmente, chegou a véspera do fim das aulas de preparação para os exames de admissão. De manhã, Eva e Sollange preparavam algo para levar à festa de encerramento das aulas. À tarde, a pequena confraternização entre professores, alunos e os outros funcionários daquela instituição viu o Abelardo triste e pensativo, em contramão com a alegria reinante, e assim até às dezoito horas quando todo o mundo começou a despedir-se. Todos foram ao portão para tirar a fotografia de família. No portão, enquanto os outros saíam e se despediam, Abelardo contemplava Eva contrariado. Eva e Sollange aproximaram-se dele e deram-lhe os dois beijinhos nas maçãs do rosto.

— Ah, professor Abelardo, muito obrigada por tudo, foi muito querido comigo — Disse Eva já no passeio — Depois de tantos anos fora de carteiras, as tuas aulas tornaram isso uma ninharia. Aprendi muito, muito obrigada!

— De nada, Eva! É minha função — Disse corando Abelardo — Mais a mais como não estar motivado com tamanha beleza...

— Ah, professor, o senhor é sempre generoso! Espero que nos encontremos em outras circunstâncias...

— Desculpa-me, interrompê-lo! É por já estarmos atrasadas, Eva. — Disse Sollange compreendendo o desfecho daquela conversa. — Desculpa-me, professor, temos mesmo que ir.

As duas amigas, rodeadas de outras colegas, puseram-se a andar. Quando estas iam já ligeiramente adiantadas e só ecoava a distância, o professor disse:

— Bons exames! E um feliz Natal!

— Obrigado, professor, a mesma sorte!

Responderam em uníssono. E assim se passou o Natal, dentro de uma alegria doméstica, animando-se com a presença da Sollange e o seu namorado e com a visita da irmã de Victor e o seu marido.

CAPÍTULO XV

O ninho tinha agora um ano completo. E o amor aumentava como aumentam todas as paixões persistentes do Homem. Estava tão rejuvenescida como as folhas renascidas dos jacarandás. As afeições e a ternura faziam-no resplandecer como essas folhas que o sol atravessa e doira. No dia em que Eva completou ali um ano, se pôs nostálgica, ficou sozinha na sala parada na janela, onde tudo eram recordações, desde o divã onde se senta comumente Victor até ao perfume que deixa espalhado, logo de manhã.

O ninho tinha resistido aos ataques do pudor e da moral social. Graças à sua vida de estudante de literatura, a única que se lembrava de gostar fervorosamente antes de Victor e da Sollange, esta proporcionou uma virada na sua rotina, desafiando todas as lógicas, e enchendo de saúde o ninho agora uma criança. Talvez nunca se tivesse apresentado tão bem na faculdade não fosse a ajuda de Sollange.

A sua alegria característica e o seu desempenho no curso semearam a inveja entre muitas pessoas contrariadas com o facto.

Ao sair de casa, indo à faculdade, Eva, tão querida pelos seus mais diletos colegas, só recebeu ternurentos cumprimentos. Possuía, finalmente, uma vida igual ou melhor que a da sua infância, que decorrera junto dos pais. Só perto dos vinte e cinco anos Eva passou a conhecer alguma felicidade, depois de se ver desprezada, ferida, e de experimentar as mais árduas solidões.

A vida moral carrega um quê de perversão, sabia-o Eva, que a se ver habilmente adulada ou lisonjeada, não estremecia, sabia que os aduladores o mais que queriam eram ver seus intentos satisfeitos, ao conseguirem penetrar na sua esfera vital. No entanto, desenvolvera um estômago para deglutir toda aquela canseira. É verdade que, às vezes, tal a fazia rir por dentro, diante da grosseria e do ridículo de certos circunstantes.

Victor, notara ela, fazia um esforço para se adaptar ao seu novo papel e ao jogo de amabilidades. «O amor faz compreender a eternidade, tal como diria Balzac se pudesse», infltiu Eva, enquanto ouvia o professor de Introdução aos Estudos Literários. Enfim, tal fator não se fazia sem a matilha que continuava a perseguir-la, agora ainda maior, cercando-a com mais arte.

A paciência de Eva era de um tamanho que nem todos as incúrias ou prodigalidades egoísticas a poderiam esgotar, aprendera de outros tempos, a não baixar a cabeça, podendo dar a impressão de o fazer, sem se irritar ou se resignar, e sim passando-as, com um bom jogo de cintura, com ligeireza e maestria, ou com a mais cruel delicadeza. «Afinal sou dotada daquele tacto subtil que as pessoas solitárias exercitam com as suas permanentes meditações e de uma agudeza de vista com que percebo as coisas que me rodeiam», dizia Eva de si para si, copiando Eugénia Grandet, romance que lhe era caro e lhe permitira desferir golpes de direita fantásticos ao frufu social e os indiscretos olhares. Compreendia agora o que acumulara e parte desse itinerário que foi o seu e que persistia em continuar sobre um novo patamar e um novo sinal de vida.

Para começar, Eva estava morta e bem morta. Mas atenção! Não se quer com isto dizer que estava materialmente morta, mas estava morta aquela Eva que Victor conheceu antes de todo este desenlace. Sobre isso não há a mínima dúvida: o registo comportamental, ainda a faculdade e as suas novas relações e empatias sociais davam solidez a esta verdade. É o resultado de nunca se ter deixado morrer por dentro, entrar em estado de putrefação, como muitas almas bem intencionadas, mas pouco espertas, que são lançadas aos cães.

Ora, a menção dessa Eva morta é essencial para que se compreenda esta narrativa, porque os ex-amigos e colegas de Victor nunca apagaram a incúria do ex-amigo, daí esgravatarem a vida dos pombinhos. A aparente indiferença de Victor jamais conseguiu extrair deles algum ato generoso. A frieza de temperamento que assumiam gelava-lhes mais as feições, insinuando-se em suas vozes discordantes, gostando de se esgueirarem por entre a gente, de forma a construírem as suas opiniões amargas, cozinhando, nesse momento, o mau olhado às mãos largas. E se um infeliz os tentasse contraditar, logo se confrontava com um ríspido olhar e com uma crescente desvalorização e descrédito de suas assertivas, isto é, faziam-no cair no ridículo ou em alguma ratoeira que o embaraçasse, caso tivesse pouca imaginação ou talento verbal, fazendo que muitos se pusessem a milhas, evitando-os a todo jeito. Até porque sempre que se punham a desferir os seus golpes de crítica, sabia-se, com os olhos cintilantes e, de cada vez que respirassem, saíam-lhes um bafo ensurdecedor. De tal modo que certa feita um deles disse:

— Victor feliz! Como poderia ele se sentir feliz? Que razão teria ele para ser feliz? É mal casado como o diabo! — Ah, sim! Certa vez perguntei-lhe porque decidira viver com Eva? Ele disse-me: porque me apaixonei, amo-a. Tretas! Ele está com a

Eva porque acredita que esta lhe será subserviente por a ter tirado do esgoto, onde se encontrava e nunca deveria ter saído, apenas isso. Victor é um lunático! Depois de toda essa aventura chegará à conclusão de que a sua decisão só serviu para arruinar a sua vida. Se a minha vontade fosse lei — disse este indignadíssimo — daria fim a toda essa loucura. Garanto-vos que o faria! Então, vejam, uma puta entre nós, é ultrajante.

Embora o Natal seja um período próprio para se perdoar, para fazer caridade, nenhum ventozinho natalício abalava as suas posições. Entretanto, Victor e Eva não soltavam, diante disto, nenhuma palavra áspera, preservando o mesmo tom cordial que usavam para tratar os seus mais íntimos. Quanto a este ponto não pode haver a mínima duvida: ambos eram autênticos.

O chuvisco tornou-se intenso, na rua, à esquina direita, dispersara um conjunto de guardas que conversavam aglomerados no portão do pequeno prédio ali estacionado. O brilho avermelhado das lojas ou de suas montras de «objetos baratinhos» dava aquele ar rosado à rua e se constituíam refúgios transitórios dos seus visitantes.

Chegou finalmente a hora da missa do galo. Victor e Eva, Sollange e o namorado, a irmã de Victor e o seu marido desceram. Moravam então a dez passos da igreja, que ficava na rua traseira e paralela à sua.

As ruas estavam alegremente iluminadas, o chuveiro era tal que apressou o passo dos circunstantes.

Ora, a verdade é que não havia nada de especial naquilo de ir à igreja, além do facto, é claro, de ser, para Eva, a primeira vez que ia, depois de ter fugido da casa dos tios e outra verdade é que Eva já vira aquela igreja até se tornar esbatida. No entanto, quando Eva ia a entrar perturbou-se, ao expelir da boca um ar quente. Esta circunstância a fez segurar fortemente a mão de Victor como se aquela experiência fosse desconhecida. A verdade é que parou, momentaneamente, hesitando um pouco, antes de entrar na igreja.

Olhava cautelosamente para os vitrais, o coro, os crentes a se fazerem aos bancos, as velas acesas e a movimentação dos acólitos. O introito litúrgico ressoou por toda igreja animada por uma cadeia de ressonâncias próprias. Atravessaram mais da metade da igreja e foram sentar-se dez bancos antes do primeiro à direita. Eva enquanto cantava espevitava os pensamentos ruidosos, talvez, por isso passou a cantar automaticamente canções da missa, como se acordasse uma memória antiga.

A cadeia de som envolveu-a, da cabeça aos pés, sem distinguir a textura do que a envolvia e irrompia por seus sentidos até à medula dos ossos. O mínimo acento enchia-lhe de êxtase. O seu aspeto,

seja como for, levava-a para uma zona de alegria sem causa, fazendo-a voltar à sua infância.

Eva não tinha por hábito a se dar a esses arroubos inexplicáveis, sentindo que, no fundo, tudo era novo. Victor e Sollange sentiam essa atmosfera afetá-los, a pouco e pouco, enquanto Eva achava demasiado curta a vida para a magnitude daquele instante de eternidade. «Porquê desperdicei parte da minha vida passando pelo meio dos meus semelhantes com os olhos no chão, sem nunca erguê-los?», infltiu de si para si. «Porquê baixar os olhos perante o mistério da vida e sua infinita riqueza? Para todos os sofrimentos há um remédio, mesmo que se o desconheça».

Quando regressaram a casa, a noite estava mais fria e as ruas quase desertas. E Eva, talvez porque experimentara aquela sensação extrassensorial, quando foi à cama, sentiu-se exausta e caiu num sono profundo.

CAPÍTULO XVI

Quando Eva acordou, acordou num estalido, não se lembrava o que sonhara e tentava abrir os olhos para divisar alguma claridade no quarto. «Victor levantou-se cedo?», inquiriu de si para si. Olhou para o relógio e reparou que eram dez horas, saltou da cama. Enquanto se dirigia à casa de banho ouvia um vozear alegre e um burburinho de talheres e loiça. Tentou perceber o que conversavam sem conseguir distinguir o seu conteúdo. Conseguiu apenas divisar as vozes de Victor e do marido da irmã, assim como da Sollange e da irmã de Victor. Corou. E entrou no banho. Depois Eva vestiu-se, ao recordar aqueles sons, pensou e repensou o que ouvira, e chegou à conclusão de que nada compreendera de tudo aquilo.

No entanto, não era este o pormenor mais entranho, mas o conteúdo do seu sono ou dos seus sonhos que não conseguia se lembrar, a sua memória

era um grande branco, como Eva pôde verificar ao inspecioná-la com mais cuidado.

Talvez Eva não pudesse explicar alguém se lhe perguntasse a razão do seu branco e do desejo de conhecer o seu conteúdo. Foi à cozinha. Aquele branco ficou registado no seu espírito. Ao chegar à cozinha teve consciência de mil odores que pairavam no ar, cada um deles ligado a mil recordações, esperanças e alegrias há muito esquecidas! Reconhecia cada produto, enchendo-a da mais alegre música. «Por que razão estou tão desesperadamente feliz por os ver a todos? Será isto o que representa um Natal feliz?», a corrente de perguntas interrompeu-se.

— Eva, a sopa ainda não está completamente pronta — Disse Sollange — Vê se a podes ir controlando.

— Ah, OK! — Acedeu distraidamente.

Todo o eco latente que soava na casa, todo o murmúrio das talheres e louça, todo o vozear vindo da sala não conseguiu abafar a canção que Eva entoava, num tom de voz extraordinário que, sem dúvida, encheu novamente de surpresa os circunstantes, ao verem não apenas a sua beleza mas, sobretudo, a cara animada, excitada e alegre de Eva. Ao dar tudo de si na sua interpretação, tornara-se evidente, pela ostensiva perícia, que Eva se divertia ao cantar e se enchia de uma luminosidade diferente. Ela a certo trecho batia as palmas

e ria-se, marcando uns passos de dança. Todos a olharam. Ela distraída prosseguiu, enquanto cortava cebola. Embora esta a fizesse tirar lágrimas, cantava cheia de entusiasmo descomunal.

Eva largou a faca e a cebola, ajeitou o avental e riu-se toda, animando-se desde a ponta dos chinelos à boca, cantando com uma voz cheia e jovial, dirigiu-se à cunhada e como se ouvisse aquela música, começou a dançar com ela com todo o entusiasmo, dando voltas num e outro sentido. Naquele dia houve mais danças, troca de prendas, carne assada, bolo, cerveja e vinho, e uma sensação de profunda alegria e de troca de afeto, renovando quer as amizades quer os laços de familiaridade.

Quando o relógio marcou vinte e três horas, Sollange e o namorado despediram-se, o baile doméstico terminou, desejando-se mutuamente um Natal feliz. Durante todo esse tempo, Victor fora contagiado, divertindo-se com todas as coisas, entregando-se à mais leve das agitações. Os casais dirigiram-se para os quartos, tinham a consciência de se sentirem extenuados, só tendo tempo de se deixarem cair na cama antes de caírem em profundo sono.

Como se pode depreender há uma plêiade de escritores que se gaba de conhecer alguns artifícios para prender atenção do leitor, mas neste caso assim parece não ser, porque Eva não sendo escritora, ou ainda não tendo descoberto que o é,

acordou no meio de um sono forte, sentou-se na cama e tentou ordenar os seus pensamentos. No entanto, lhe pareceu que acordara tão cedo para entrar em contacto consigo mesma e com uma certa espiritualidade que não lhe conhecia o mecanismo e a matéria completamente.

Abriu as cortinas e voltou a sentar-se na cama e pôs-se a contemplar Victor em meio a sua pequena ressonadela. Deixou-se ficar na cama sentada a vasculhar os seus pensamentos sem ter, enfim, a consolação de abrir um trilho que pudesse divisar algo. Ao investir mais a fundo num foco o centro de luz jorrou-lhe no espírito, no que se levantou sem fazer ruído e foi de chinelos até à janela.

O céu estava penumbroso e as ruas guardavam um silêncio incomum, sentia-se, contudo, nas ruas que um ar de festa tinha por ali passado, embora o silêncio fizesse parecer o contrário àquela hora, como se todo o país estivesse a dormir, em comum acordo. Tinha, entretanto, o sol começado a reaparecer em fiapos de luz. O vidro estava meio embaçado. Limpou com a ponta da manga do roupão distraidamente, posto que estava entregue aos seus pensamentos e emoções.

«Há nas coisas uma certa harmonia justa, serena e nobre, pois que, embora as doenças e os desgostos sejam infeciosos, no mundo não há nada tão irresistivelmente contagioso como o riso e o bem», lera

isto em *Cântico de Natal* e sabia ser verdade tal assertiva. Ela era a juíza mais indicada da questão, porque tinha acabado de experienciar o fenómeno de véspera, até porque, mais a mais, o seu bom humor é que a salvara das infeções advindas das doenças sociais: o ódio, a inveja, o egoísmo e toda uma chusma de emoções e sentimentos cancerígenos, que corroem a medula do espírito e a alma, tornando-as vis. Não ter perdido a alegria e o entusiasmo de viver fora e continuara sendo a sua boia de salvação, à parte os empecilhos inevitáveis e o ar contagioso, com os quais, muitas vezes, se tem que conviver. A alegria e o bom humor tornaram a vida mais suportável.

Bocejou, talvez, para sacudir o fundo de sono que teimava a resistir, ouviu um arrasto leve de chinelos vindo da cozinha, se espantou como dava consigo a ouvir, ver ou sentir aparentemente coisas tão triviais, tentando adivinhar-lhes o enigma, uma vez não ser o trivial imediatamente evidente, embora o pareça.

Eva deslizou os chinelos para a cozinha. Viu a cunhada sentada perto do fogão aceso e agasalhada, protegia-se do frio que entrava pelas janelas aos fiapos. Eva puxou uma cadeira e sentou-se.

— Bom dia, cunha²! Então, a barriga já está assim tão pesada?

² Cunhada.

— Bom dia, Eva! Nem tanto, apenas perdi o sono, embora toda aquela diversão de ontem me tenha deixado cansada. Mas, não estou a sentir-me cansada. Às vezes, quando perco sono, dá-me vontade de estar com os meus botões.

— Atrapalho, por acaso?

— Não, nada disso, a tua companhia veio mesmo a calhar. Fazes-me companhia no chá?

— Ah, sim, com certeza! Talvez, assim quem sabe acorde o meu espírito.

A cunhada desligou o fogão e, depois de servido o chá, sentou-se.

— Pois, muito bem! — atalhou a cunhada — Que tem de extraordinário o chá? Que nos acorda o espírito e nos dá tranquilidade? Desde que fiquei grávida que tenho estado a tomar muito chá, no mínimo três chávenas por dia. Quem é que dá importância a estas insignificâncias? Mas, entretanto, creio que todo o mundo sabe ou pelo menos intui a importância destas pequenas coisas. De, às vezes, perdermos tempo com as coisas aparentemente triviais sem, contudo, pôr nisso futilidades...

Parou pensativa, no entanto, e reparou que não havia mais nada a acrescentar. O silêncio era mais eloquente na sua linguagem.

— Hum, pois é — Replicou Eva — E porquê não?

— Nascemos para morrermos e para vivermos as nossas pequenas existências, não cobrindo nada

das aparências, é por falta dela que se morre infeliz, friamente infeliz.

— Desculpe-me, cunha, não percebi!

— A vida, Eva! A vida. Muitos de nós vive como se já estivesse morto. — Disse a cunhada, ajeitando-se na cadeira.

— Algum problema, cunha?

— Não, nenhum. O bebé chutou, — Respondeu a cunhada — A vida é essa oportunidade que se nos oferecem para sermos abundantes, mas muitos de nós, a vive pobremente. Por exemplo, este ser que agora cresce dentro de mim abre uma janela não apenas para a vida e para a experiência de ser mãe mas, sobretudo, nos possibilita recriarmo-nos, obedecendo a um impulso ou instinto de sobrevivência, fazendo-nos desejar avançar e incrementar nossos *upgrades* para sairmos ou da poeira do que somos ou da sombra do que fomos, em um ser em devir que não o podemos divisar imediatamente.

— De facto, no fim das contas, muitos de nós vive como autênticos moribundos ou como um morto-vivo, velho e decrépito. A vida de cada homem prenuncia um certo fim que chegará irremediavelmente se o ser humano persevera no seu caminho como diz Scrooge. Podemos ser e ter, enfim, o que as infinitas possibilidades nos permitem. Assim, a esperança sobrevive a todas intempéries e a vida não se repete enfadonha em seu ciclo. E tal como a

maçã de Adão, somos todos testados, sabendo que passaremos irremediavelmente. Enfim, que se pode dizer? Que somos sombras que se apagam e se refazem a cada momento que experienciamos a vida e emendamos algo.

Estava de tal ordem excitada e satisfeita com aquela conversa que notara que a sua voz de falsete mal conseguia corresponder àquilo que ela exigia dela.

— Sinto-me leve e feliz que nem uma aluna do secundário. Afinal vem aí um ser que me mudará para sempre, que me permitirá uma experiência nova.

Soltou uma gargalhada como se não risse há muito tempo, que contagiou o ambiente. Levantou-se. Depois, espreitou através da janela lá para fora. O dia estava luminoso e a atmosfera doce e fresca, talvez respondendo àquela satisfação. Que entrou até a medula e soltou-se ao sentar-se a cunhada, já sem fôlego, na cadeira onde se pôs a rir.

Eva olhava para a cunhada com ar deliciado, enquanto esta percorria as mãos na barriga e enchia a cozinha daquela risada. O seu aspeto, mesmo nessa altura, era de desconcentração, retomando a conversa num tom agradável. Não havia dúvida de que aquela desconcentração era um elemento convidativo, Eva sabia-o perfeitamente, sabia-o enquanto sentada em frente dela a contemplar pensativamente, parecendo inevitável àquela intimidade, até porque a sua intensidade não diminuía.

O entusiasmo da conversa continuava a crescer sem nada a objetar, como se elas se refletissem no próprio espelho que olham e este assim fizesse por perseguição tenaz, sem ter intenção de desistir. Até mesmo quando se davam a falar simultaneamente parecia que, mesmo assim, se entendiam com absoluta segurança. Fora o arrastar de alguns passos, logo a seguir o de umas portas e o vozear de umas vozes másculas e de uma agitação alegre, e da aparição destas à porta da cozinha, que cortara o fluir daquela conversa.

Os cumprimentos acusavam, indiscutivelmente os efeitos desta. «Eva é tão leve e boa no seu íntimo e generosa que vista de longe não se pode dizê-lo, até por tudo que dela se fala. Reside no seu coração a verdadeira poesia», infletiu de si para si a cunhada, enquanto se retirava da cozinha. «É encantador vê-la, com toda a sua ternura desajeitada ajudar calmamente, ao tentar adaptar os seus movimentos às necessidades do feto, transformando o seu corpo em esteio flexível daquele desabrochar fetal», pensou Eva, enquanto a observava avidamente como se a examinasse.

«Amo este periquito que agora desabrocha, pelos muitos pensamentos ingênuos que os seus chutes e sons despertam. Às vezes, quando estou sozinha e com um certo entorpecimento ele me faz companhia e dá alegria ao meu espírito, perante

cujos movimentos e sons todo o entorpecimento desaparece me dando confiança e fé, e fazendo aprender a amá-lo ainda mais», pensou a cunhada de Eva, e distraidamente, deixou, por breves instantes, as suas mãos afagarem a barriga como para acalmar uma certa agitação que vinha de dentro, que se foi apaziguando, ao se pôr simultaneamente, a falar com uma voz doce e suave. Olhou para a barriga com um ar feliz, ao ver a convulsão emudecida. Agora os batimentos estavam calmos e regulares.

A cunhada, ao ouvir uma estridente gargalhada e ligando a expressão certas associações de natureza afetiva, empertigou-se e ergueu-se da cama e regressou à cozinha. Mas, quando ia a atravessar a sala, encontrou-se com o marido que vinha do banho, seguiu-o com os olhos até este se perder atrás da porta do quarto.

— Ora, aí estás! — Disse Eva voltando-se para a cunhada. — Sofia, ajuda-me a dar um jeito na casa!

Fez menção de dizer algo, como se se preparasse para falar. Mas não conseguiu produzir uma única palavra, e arregaçando as mangas começou a varrer o chão da sala calmamente. Ainda sentiu uns movimentos vindos de dentro como se o periquito se desse conta de tudo o que se passava. Deliciava a mãe que cantava, acompanhada pela tia, que limpava a cozinha. E como se aquilo fosse um facto irrefutável e triunfante, a alegria generalizou-se.

CAPÍTULO XVII

Ao abrir o portão, Eva tinha a expressão pensativa e inquieta, vestia uns calções e uma *T-shirt* e trazia uns chinelos de praia, voltou-se para fechar o portão e despedir a Sofia, que estava sentada na pequena varanda frontal da casa. No entanto, não fixou o seu olhar nela: os seus olhos pensativos não fixaram como se se projetassem para um outro tempo e lugar, como se buscasse a pedra de toque para a ordenação dos seus pensamentos e emoções. Enfim, dirigiu-se ao mar ali perto, passando pelo Grande Hotel, apeando-se.

Dava-lhe uma grande satisfação dar largas aos pés e ao espírito. Seguiu pelo passeio. A sua alma tinha uma agudeza de um velho tigre, daí passear os pés descalços pela areia até um pequeno monte rochoso, onde se instalou. Ali, no pequeno monte rochoso, deixou-se pensativa, pois sabia ser aquele o penúltimo dia do ano, mas não era apenas isso que a

inquieta e, uma vez que este entrava num cronograma já quase cem por cento cumprido, este não seria, com certeza, o assunto mais agudo em seu espírito.

Inquieta-a o facto de ter a menstruação atrasada e ter quase certeza de estar grávida, questão ainda não tratada com Victor, e estar sem estratégias para o abordar. Para completar, a Sofia está no sexto mês de gestação. No entanto, a verdade é que a questão era tudo menos essa. Posto que andava há dias às voltas com isso.

A única pessoa que a podia tirar deste imbróglio era a Sofia, por todas as razões do mundo e de conveniência. A propósito, não tinha também outro bom recurso. Ficou entregue a profunda meditação, que não ouvia o quebrar das ondas e o vento cortante que pairava levemente.

Depois de deitar o olhar arguto à sua volta, saiu daquele pequeno monte rochoso, seguiu, como é óbvio, por sua sombra, que a inquietou por ser a única viva alma ao seu lado. Sobretudo, porque receava que Victor tivesse uma indisposição inconsolável. Não estava muito certa de conseguir ajuda, evitando assim indisposições maiores.

Quando se foi afastando daquele pequeno monte rochoso, o espírito foi conhecendo um abrandamento de sua agitação, ao repetir: «também não tenho outra solução». Como que a afastar o estado de dúvida, confusão e receio. Procurou destruir pela lógica

todas as insinuações contrárias, embora, em parte, persistisse uma inquietação vaga e indefinida.

Daí a pouco estava a atravessar o portão por onde saíra. Ao entrar, foi sentar-se ao lado da Sofia na pequena varanda frontal da casa. Pensou que ali teria oportunidade de abordá-la e um grau maior de recetividade, até porque Sofia, naquele dia, se mostrava particularmente meiga e bem-disposta. Mais a mais, ninguém sabia, como ela, arrancar com leveza apoio ou consentimento. Vê-la esfregar as mãos impacientes parecia desmentir a assertiva. Enfim, era preciso falar, sabia ela. Eva apoiada por sua necessidade abalou-se e pousou as mãos sobre as mãos da Sofia.

— Sofia, desculpa-me a brusquidão, mas estou aflita, — Disse Eva aproximando-se dela — Preciso da tua ajuda.

— OK, tudo bem, diga! — Retorquiou Sofia.

— Sofia, estou grávida! — Sofia esboçou um sorriso que começava a ganhar volume. — Não, não fiques contente, porque eu e o Victor nunca sequer conversámos sobre este assunto.

— OK, Eva, como é que tu sabes? Fizeste algum teste?

— Não. Mas o meu período está atrasado há três semanas.

— Então, para matarmos a charada, vamos já fazer um teste rápido de gravidez. — Disse Sofia

isso, enquanto se levantava — Vai pegar as chaves do carro!

Ora, é mais exato dizer que elas saíram às pressas, sem que, contudo, pudessem ser tão rápidas. Bom, entraram no carro e saíram. E tudo era culpa do silêncio, daquele extremoso silêncio. Com efeito, o teste rápido confirmara as suspeitas.

Eva e a cunhada foram juntas parar à praia do Estoril. No entanto, a praia estava abarrotada e cheia de burburinhos múltiplos, que não se julgaria ser aquele um lugar para descanso e meditação. Então, sem mais, fizeram um recuo estratégia até à região onde se encontrava o pequeno monte rochoso, então menos visitado. Abandonando Macuti num deslizar de dedos. Acabaram sentadas no mesmo monte rochoso, onde estivera Eva.

Aquela cumplicidade parecia abrir um novo capítulo nas suas vidas. Alguns pássaros meteram-se a bicar algo na berma da praia, mas cada vez que soasse o quebrar forte de uma onda, parte deles chocalhavam e abanavam as asas. Esta fotografia tinha um certo ar anacrónico, graças a ousadia da licença poética.

Se é verdade que Eva e Sofia se encontravam diante de um problema e de incertezas, então seria difícil para elas contarem esta para o Victor, por isso, era preciso contar com a ajuda do marido, pois diante do medo, receio ou contrariedade, o homem é levado a falar e a fazer tolices, bastando para

isso um gatilho qualquer para fazer despoletar atos disparatados. Sofia pousou as mãos sobre a barriga redonda e riu-se com satisfação.

— Bom, minha querida Eva, aqui temos um problema e uma solução. — Respirou profundamente e continuou. — Sei que meu irmão, pelo seu histórico, pode entender isto como o golpe da barriga. Mas isto é diferente.

— Como assim? Ah, por favor, Sofia, não me encha de esperança, porque não quero deitar areia nos meus próprios olhos.

— Não. Falo a sério. Deixa tudo comigo e verás. Eva ainda bocejou algo, ao agarrar-lhe as mãos. Este ato simples estava carregado de ternura e gratidão.

— O que fazemos agora?

— Nada. Deixa tudo comigo. — Disse Sofia deitando um olhar terno — Falarei com o meu marido e logo se resolve.

Como a face de Eva se tinha iluminado! Tudo num tom de aprovação. Era, sem dúvida, aquilo uma das raridades humanas. Era aquilo mais do que Eva esperava. Descaíra a cabeça e voltara-se para o mar. Deixou-se ficar nesta posição, pois Sofia tinha as mãos cruzadas sobre o regaço, se é que assim se pode dizer, a meditar. Eva deixou-se ficar na mesma posição completamente entregue aos seus pensamentos. Como os pensamentos são projetos

solitários e porque notasse ser aquela uma oportunidade para mostrar a Sofia toda a sua afeição por ela, começou a cantar, abraçando-a. Sofia afetou-se por todo aquele lago de ternura.

As duas dirigiram-se, de seguida, para casa naquele estado de alegria e animosidade como se tivessem estado num piquenique. Se se contasse o que se passou ninguém acreditaria ou explicaria porque as duas voltaram felizes.

Evidentemente que o passeio foi feito em pleno verão, porque se estava em dezembro e o tempo era de sol aberto e quente. E aposto que elas nem se deram por isso. Ainda porque aquele aglomerado humano no Estoril ganhava formas caprichosas para, logo de seguida, se desfazerem como nuvens. As pessoas, emaranhadas e em contacto alegre, se assim é possível exprimir, agitavam-se e os seus timbres e rostos se esfumavam como poeira que se agita à passagem do vento. Acredite, se quiser, que para aqueles o dia passou rápido.

Mas Eva e Sofia pareciam sentir um prazer tão grande por estarem juntas, e era então natural que pareciam irmãs. Victor e o cunhado do lado de dentro da casa, onde se deixaram ficar as vendo por entre as janelas, trocavam uma conversa amistosa e pitoresca, enquanto contemplavam pensativamente as duas íntimas confidentes. Aquele momento deixou neles uma recordação que nunca mais viriam a esquecer.

CAPÍTULO XVIII

Pois bem, não há dúvida de que Sofia sabia como proceder em situações como aquela. Muito perspicaz! Depois de ter deixado o marido cheio de empatias e recetivo a ouvi-la, com a melhor de todas as intenções, deixou-se reclinar no seu peito, e mudou o tema de conversa e começou a falar, em voz baixa e doce. Sendo desta forma — partilhando o tempo e a conversa sobre as pequenas coisas que os absorviam — curtas àquelas horas. Depois, como o marido já estivesse a cabecear de sono, avivou a voz, — em resumo, visto que tinha de falar e não adiantava nada procurar adiá-la — pronunciou umas palavras num tom de voz que corroborava amplamente com a seriedade do assunto. E o marido, adivinhando a profundidade da questão, pediu-a que lhe falasse com realismo e a mais escrupulosa fidelidade. Sofia suspirou e retomou a fala, enquanto o marido punha-se a escutar tudo atentamente.

O segredo fora revelado. Daí a pouco, estavam ambos embrenhados a descascá-lo. O marido espreitava-o para divisar problemas particularmente espinhosos. Assim, a atenção do casal foi, gradualmente, concentrando-se nos seus nós de estrangulamento e não se deteve noutra coisa até ser tomado pela mão do cansaço, ao caírem no sono.

Depois de acordar o marido da Sofia, que fora acompanhado por sua esposa, sentou-se ao pé da mulher. Lá no fundo de si sabia que o segredo podia estragar a festa de fim de ano e o ninho de Victor. No entanto, havia a possibilidade de este imbróglio ser ultrapassado e suportado pela trama sem fim de recordações doces, ou, ainda pelas preciosas qualidades da Eva. Sempre se corre o risco de a Victor os pensamentos e emoções mais sinistros começarem a nascerem-lhe no espírito, como ervas daninhas. Esses seriam, no entanto, pensamentos e emoções inoportunos para as traves do seu ninho.

Quanto mais pensava nisso mais se compenetrava que era legítimo que Victor se zangasse, desde que não ultrapassasse o limiar do aceitável, se transformando a zanga num demónio. Era preciso tocar-lhe com lógica e empatia. A cabeça da mulher no seu ombro era uma presença que lhe sugeria reflexões. Bom, a esperança estava no facto de Victor não ser dado à indiferença, e negar-se a enterrar a cabeça na areia.

Assim passaram-se aqueles primeiros minutos da manhã. O sol despontara. Inundara todo o quarto. Levantaram-se. À parte a circunstância que podia tornar-se particularmente desagradável, era o último dia do ano e dia de festa, e ignorava o que daí se seguiria. O marido da Sofia foi ao banho. Depois, foi à sala, onde se encontrava Victor.

— Então, Victor, meu bom cunhado, como dormiu?

— Bom dia, Verniz! Tive uma noite incrível — Replicou Victor — porque tive sonhos bons e fiquei rejuvenescido!

— Ainda bem, porque depois do mata-bicho preciso ter uma conversa contigo, por isso gostaria que me dispensasses uma ou duas horas do teu tempo, para podermos conversar.

— OK, sem problema!

Depois de Verniz ter ido buscar algo no quarto e de ter chamado Victor, foram tomar o mata-bicho na pequena varanda frontal da casa. Victor impaciente desenhava expressões como a pretender algo de Verniz, que se mantinha intencionalmente e distraidamente alegre, conduzindo a conversa para outros conteúdos.

— Descanse, Victor, — Aduziu Verniz — Só falaremos quando sairmos.

Victor corou. Depois do mata-bicho saíram e foram sentar-se num bar à conversa, na baixa da cidade.

— Sabes, Victor, embora seja hoje um dia de festa, cheguei à conclusão que era preferível contar-lhe agora um segredo. Não sei a dimensão do efeito que a revelação causará, nem o que vai pensar disso. Mas é melhor saberes toda a verdade, — afirmou, deixando Victor apreensivo — Afinal foi por essa razão que viemos aqui parar. Peço-te que ao ouvi-lo faças um exame de consciência e em tudo que está em jogo.

— Desculpa-me, Verniz, — disse Victor inquieto — mas está a deixar-me preocupado, diga-me logo do que se trata.

Verniz susteve a respiração, por um instante, e avançou.

— OK, aqui vai: a Eva está grávida.

Victor parou estupefacto, como se procurasse recompor os seus sentidos. Verniz não fez sequer um piu. Victor recuou para se recostar à cadeira. Depois, com um suspiro longo começou a passear agitadamente no tampo da mesa os dedos nervosos. E sem conseguir mais reprimir o que lhe vinha ao espírito se abalou.

— Bem, se me obrigas a fazer um comentário, dir-lhe-ei que esta notícia é-me totalmente inesperada. — Disse Victor procurando conservar a calma. — Ah, Verniz, o que é que eu te poderia dizer neste momento? É que nós nunca conversámos sobre filhos. Entendes? Tudo isto apanha-me de surpresa.

Não sei o que pensar? Sei só que estou confuso e agitado espantado. Veja que nunca me preocupei com o que as pessoas dizem da Eva e desta relação, sempre me preocupei com a possibilidade de conseguir constituir uma relação saudável e feliz. Mas, embora possa ser injusto, isto soa-me como uma traição, uma espécie de balde de água fria. No entanto, é preciso reconhecer que desde que fizemos o teste de HIV/sida não usamos preservativos, nem outro tipo de contraceptivos. Aí temos os dois o dedo pobre. Talvez a correria diária fez este aspeto um elemento marginal, que agora me assusta. Verniz, de facto, não sei o que pensar ou dizer.

— Bem! — Interrompeu Verniz — Todos nós precisamos formar família e ter um ninho onde podemos esconder a cabeça e reclinar o corpo. Ontem à noite consegui perceber nitidamente isso. Tenho estado a fazer, desde que soube, um exame de consciência. Se é a mulher que tu escolheste, gravidez não é problema. Sabes como eu e a tua irmã procurámos ter filhos e, portanto, já conheces a minha posição. Estou, na verdade, a repetir-me. Mas, tudo bem! Sinto que devo te falar isto. Sei que já antes, dois ou três casos surgiram e o aborto foi a resposta. Contudo, peço-te que ponderes com cautela e indulgência. Receio que teria dado esta notícia melhor se pudesse fazer melhor. Sei que fui abrupto ao transmiti-la, sem conseguir calcular o seu impacto.

Uma coisa sei, haverá grandes mudanças na tua vida e na de Eva. Em todo o caso, honra seja feita por não te teres furtado dos beijos da Eva e do seu amor, hoje és diferente! Quantos anos se passaram desde a última relação que tiveste e que resultou num infeliz aborto? Se tomarmos essa experiência, a esta altura já estarias profundamente alterado e impaciente. Vejo que o amor que sentes pela Eva é intenso e verdadeiro, até há pouco tinha umas relutantes dúvidas. E creio que há reciprocidade. Quando procurei ser franco sabia que a tua reação indicar-me-ia se a amas ou não, uma vez que reproduziste os teus antigos comportamentos, percebi que esta não é mais uma relação. Dantes, o aborto seria imediatamente posto como solução, sem chance de contraditório. Ou ainda, o que é mais interessante, não pararias este tempo todo a ouvir-me.

— Bem, isso é certo. Assim acho. Assentiu Victor embaraçado.

— Se isto vem a propósito, dir-te-ei, Victor, que tens uma mulher e tanto. Nunca vi ninguém se dar tão bem com a tua irmã. Por outro lado, nunca te vi a ser útil para uma mulher, isto é, nunca te vi a lavar legumes, descascar cebola e alho, arrumar os pratos, enfim, ser útil em dezenas de maneiras como te vi quando passámos o Natal na tua casa. Tudo isto serviu-me de termómetro.

Victor corou. Sorriu. Era maravilhoso ver Ver-niz e Victor, ali sentados, tão intimamente alegres. E pensar que seria um desperdício perder a festa de fim de ano, que seria, inevitavelmente, alegre quanto é dado a um mortal saborear, ou perder aquela troca de votos de feliz Ano Novo e muitos sucessos, ou brindar o ano que entrará irrevogavelmente. Perder isto seria naturalmente um desperdício. E tal não se fez tardar, finalmente a contagem regressiva.

— Três! — Disseram em unísono.

— Dois!

— Um!

Enfim, «Ano Novo!», disseram triunfantes. De seguida, telefonaram aos seus familiares e amigos para os desejar os melhores votos e os saudar. Todos ali reunidos comeram, beberam e dançaram até a exaustão, ao esfumarem-se na atmosfera e a manhã ter ficado só com pratos, talheres, copos e garrafas deixadas por cima dos móveis, ou num recanto qualquer do chão atapetado, sem nada mais restar de som humano, ouvindo-se, aqui e acolá, o passar alegre e fresco do vento ou de algum pássaro, ou ainda o som calado de insetos minúsculos.

CAPÍTULO XIX

Em Maputo, a *flat* — o apartamento onde morava a Eva — era habitada por Victor e Eva, e a empregada que vinha ao preço de um salário. A Sollange, de vez em quando, assim como o namorado (menos ainda), era uma visita querida, assim como, apesar de assimétricas e espaçadas, as vindas da Sofia e Verniz, seus irrecusáveis parentes.

Sucedida, pois, a uma das maiores traves do lar, a Eva, não ser esta urbana, se se refere a urbanos apenas aquela casta de indivíduos que residem na parte de cimento da cidade. Nem se conhecia os seus familiares, senão o seu passado pouco recomendado a comentários. Esta senhora era uma erva fora do seu canteiro, pois nunca o seu nome souu em algum grupo social relevante, andava, segundo bocas, a reboque da reputação do marido. E diga-se para o abono da verdade, não era propriamente marido, porque não estavam oficialmente casados, apenas

viviam maritalmente. Eva era a mulher de Victor e nada mais. Isto, mais uma vez, para o abono da verdade.

A quem se admirar de que esta senhora com um passado nada abonatório seja uma pessoa agradável e culta, sem contudo perder em dotes que não caberiam num dicionário para os descrever, fazendo inveja aos mais ilustres senhores e senhoras, não se engane sobre o que se disse, pois não conviria a ninguém fazer perguntas a respeito. Por isso não se pode dizer que a sua vida não se tenha tornado, mais ou menos, pública, no entanto, a sua elegância e inteligência não permitiam tais intromissões. Daí, parte do que se disse, ser sussurrado nos corredores sociais e nunca afirmado com deselegância.

Entretanto, a verdade é que Eva mantinha há alguns anos o mesmo périplo, casa/faculdade e faculdade/casa. E quando a vissem em algum outro lugar, à parte as compras e algum encontro com a Sollange, estava sempre acompanhada pelo marido ou pelo filhote, quando o fosse buscar à creche.

Quando passeava, era inevitavelmente, com o filhote e a Sollange. Assim, dizem as bocas, ser ela excêntrica por viver sob tal regime. A *flat* tornara-se, a pouco e pouco, recomendável a visitas. Embora só a poucos era dado esse luxo. Vigiada nos diversos atos da existência, Eva dava a ideia de uma mulher equilibrada sob todos os aspetos, e muito refletida.

Depois de ter feito passar, como se sabe, o seu relatório de fim de curso, com um estudo e uma nota exemplar, granjeara certa reputação entre os seus pares, daí ter sido convidada para assistente, ao nível de licenciatura. Dizem, as más bocas, que fora aquilo fruto de promiscuidade. Eva agora pendia para o sossego e alegria, dentro das fronteiras do aceitável, para não exceder as fronteiras do risível e ético, do equilíbrio e harmonia. Aquele estilo de vida entrava-lhe pelo coração adentro.

Não é por acaso que, certa feita, numa noite nublada, de onde se via cair uma chuva miúda, Eva, metida no seu canto, lia algo enquanto Victor e o filhote brincavam a todo vapor. Dando o pequeno filhote sinais de inesgotável energia, foram, contudo, apanhados pelo sono. Ao sair de sua leitura, Eva estava decerto longe de imaginar vê-los adormecidos, que quando chegou ao quarto encontrou-os a dormirem abraçados. Aquela imagem produziu nela uma comoção nova, que ao retirar o pequenote fê-lo com perícia para o não acordar e o levar ao seu quarto, e daí a pouco encontrou-se a abraçar Victor, que o ardor e o calor tirou-lhe do sono.

— Então, querida, já concluíste a leitura?

— Ah, já, querido, felizmente sim.

Abraçaram-se e mergulharam no sono conjuntamente. Embora as más-línguas, as fofocas, o disse-que-não-disse e a acumulação caluniosa

faziam escola, estas, no entanto, não arranhavam a tranquilidade do lar, até porque não faziam êxito tais tentativas. Ora, estavam as coisas neste pé, ainda que as más-línguas insinuassem que tais circunstâncias só tinham por fim fazer perder de vista a pera podre que era aquele lar.

CAPÍTULO XX

Eis as circunstâncias em que se encontrava Eva. Na segunda-feira, esperava-se que chegasse à sala às sete horas, na qual se assistiria à primeira aula da disciplina de História das Ideias. Eva metida em suas regularidades chegou às sete horas, como estivesse sentada na última carteira do corredor central, os estudantes iam entrando, tomando-a como uma colega. Entre a multidão de estudantes e o burburinho que afluía à sala, ainda há pouco vazia, Eva examinava-a.

Destes dois professores, um foi visto entrar, branco, cheio de verbo e de correção sem igual, pondo-se a apresentar as regras de jogo e o programa da disciplina — Acentuando a despeito dos desfavoráveis incumprimentos —, Atravessou sem aviso a sala até ao fundo e fez conhecida a sua colega e assistente, de quem se gabou, sendo saliente, pois quando se pôs a falar de Eva, através de suas

longas pestanas que lhe brilhavam uns olhos muito vivos. O que fez Eva corar humildemente.

Entretanto, a animação principiava a crescer. Começavam as ideias básicas a serem vertidas e os conceitos-chave a serem apresentados sumariamente, afinal pilares constitutivos das humanidades e do processo de evolução das ciências afins eram postos sobre a mesa de análise. Fazia um tempo lindo, mas o ar estava meio frio, por efeito de um vento que soprava. A digressão, no meio destes estudantes, era garantida pelo hábito proveniente da sua profissão. No entanto, reparou o regente da disciplina que não se tinha apresentado. Parou, por um instante, e disse:

— Jo... Teixeira. Entendam bem, Teixeira com dois ditongos. — Afirmou o professor, continuando o seu discurso.

Sim, não se aperceberam bem do primeiro nome, mas sabia-se agora que o regente chamava-se Teixeira, com dois ditongos. Eva corou momentaneamente, porque aquilo lhe soou a primeiro dia de aulas, quando este mesmo professor disse aquelas mesmas palavras, acentuando a diferença entre o Teixeira com dois ditongos e o sem. O que deu muito que cismar os estudantes. Depois pôs fim à aula. O professor Teixeira e a Eva saíram à conversa, entregues a alguma reflexão, embora houvesse um burburinho inquietante nos corredores. Eva

examinara escrupulosamente todos os estudantes com quem a sua vista se cruzasse, a fim, talvez, de demarcar as suas feições.

Eram, com efeito, o regente e a assistente. Entretanto, Eva, saindo da universidade, encaminhara-se para casa como de ordinário, sem uma vírgula a mais ou a menos. Naquele dia, pediu a Joana que lhe servisse o almoço no quarto, uma vez que Victor não viria almoçar como de costume, aproveitando para se pôr a ler algo.

Em poucos instantes, Eva acabara o almoço e reunira-se consigo mesma, antes de pôr o olho seja no que for, à janela o olhar vagueava e observava a cidade, não se julgando obrigada a deixar de a ver, através das vidraças. Certamente imagina-se o efeito que esta circunstância produziu no espírito de Eva.

A distância entre Eva e a poeira da memória era exatamente a de um *clic*, entre as quais se misturavam fantasias e desejos. Mas os desejos são muito caprichosos, porque fazem desvios imprevistos, e enquanto máquina poderosa impele o ser a avançar, a tornar possível o impossível, sem afrouxar o seu ímpeto, embora, às vezes, se veja obrigado a abrandar o seu passo.

Tudo aquilo lhe encheu de uma comoção nova. Entretanto, não fazia tal périplo apenas para reconhecer as diversas baterias da memória, em cujos vultos se recordava algures no horizonte. Nem

sequer pensava nos perigos por que passou. Decididamente, era agora um ser melhor, não pelo que conquistou, mas pelo que se tornou, assentia Eva, afinal não seria o que é se não tivesse passado pelo que passou. Sentia-se, contudo, um copo vazio, o que a fazia renovar a cada suspiro a sua provisão de oxigénio.

— Muito bem, muito bem! — Disse Eva em voz alta — Vou-me apercebendo de que não foi inútil ter passado pelo que passei e ter experienciado todas as baterias de emoções e pensamentos, pois me permitiram ser, a cada momento, um ser diferente.

Demais, como pensava, a Sollange, o Victor, a Sofia e o Verniz tinham sido benevolentes e compassivos, ao terem vindo em seu auxílio, sempre que precisou. Entraram-lhe todos pela alma dentro, por tudo que representaram e representam. Por todo o amor que sentia por eles e eles como parte de si. «Afinal todos significam a minha vida, aquilo que sou e o meu dever. Por isso ser ou não ser não é toda a questão, mas parte da questão. Uma ruazinha na grande cidade do ser e da vida. Demais a mais, como somos sopro e vento, somos poeira no grande mistério que é o ser e a existência. A nossa incompletude é a nossa maior graça, a que nos dilacera e nos constrói, nos torna o que vamos sendo nesta onda de sermos meros mortais e, simultaneamente, capazes de insuperáveis maravilhas», infletiu Eva.

À Eva não agradava muito, mas se lembrava de há anos, como era a miséria, o desamparo, a angústia e o medo estarrecedor, a devoradora de sonhos e de sono, a almofada tenebrosa, ou o compartimento fétido e inconsolável, cujo barulho se ouve por dentro das paredes do ser, da casca que o veste.

Às vezes, sabe Eva que se mete no quarto mexendo livros empoeirados ou amarelecidos, e quando algo a adverte do contrário, como leitora restrita ao quarto, se detém nessa miséria de se construir outro ou de se desconstruir, simultaneamente, através do nosso alter ego, ou do mundo, como menina inconsolável e tirada de uma fotografia descolorida, com casa ou não. Gosta dessas noites que, a conseguir, a põem de pé como a cacimba, que belisca os dedos minúsculos dos pés e das mãos com a sua húmida fala.

Então, Eva percebe os interstícios de seus meandros, folheia o livro, cala o barulho dentro de si, olha as mãos e o amarelo do papel, a paginação indiferente ao seu leitor, ou a cortina escura que abre e vende como mistério, como uma velha, coitada, que deixou de fazer sentido, agora que a página se abre.

E verte um poema sobre o papel branco emprestado de uma resma Xerox, de papel A4 e uma vontade inquebrantável de o cremar. A começar pelo título e a epígrafe dedicatória para dar um

caudal ao fluxo poético, isto é, dar-lhe cabeça, tronco e membros.

Uma Copa

*Ao Luiz Ruffato, e em jeito de nota de rodapé:
à Cecília Meireles.*

*Uma copa
uma rua cinza
uma copa cinza num rua cinza
uma cinza numa copa cinza
uma cinza numa rua cinza da copa
ou uma copa cinza na rua cinza
que nos dá uma copa virada para a rua
a rua aberta da cinza
do rasgão sobre a roupa cinza da copa
o rasgão aberto da flor cinza
como ruela ou ruína abandonada
ou deixada a apodrecer
a rasgar a neve do vento
ou o tempo aberto da rua a apodrecer
a ficar cansado da sua existência
a beber os ruídos dos carros
e a indiferença dos prédios futuristas
e acabados de fabricar
ou do pintar da tinta virada para a rua
ou da rua aberta da cinza
no rasgão sobre a roupa da copa*

*ou como dois vasos de flores desidratados
mágica mão que o sonho aviva
em sua lúcida vigília
morto os sapatos rotos
poemário para a leve pluma que acorda
desidratada
ou a vida antes da morte que acaba
E, vejam só, como dizem,
a mulher não é complicada quando é uma
boneca
e se empresta a ser um enfeite
não o que é, mas o que pode parecer ser
como boneca
Ora, veja, a Cleópatra não tem que ser fiel
mas parecer fiel
sem ser a fina flor do ornamento
Eis a morte do sofisma
substituindo-a sempre que apodrece as rugas
do seu vestido
amarelo acolchoado
vertido em sua vasilha
como se ouvissem rádio portáteis
Então, se desabotoa toda a verdura do campo
ponto final
e basta
fim da rua na casa bolorenta cinza
da copa virada para a rua.*

CAPÍTULO XXI

Depois da agitação dos últimos dias, com os exames e o preenchimento das pautas, Eva sentia que tudo aquilo pedia recolhimento. Pelas frestas do cortinado, antecipa-se a manhã frágil a iluminar o quarto. Sim, já acostumada que estava com aquela circunstância, a notícia tomou-lhe de surpresa e respondeu afirmativamente, sem sequer pensar ou consultar os seus mais profundos botões. Saltou-lhe da pele para fora. Mas, agora era preciso acertar o passo. Recém-despertada, a pele imaquitada, levantou-se. Arrastou os chinelos à janela. O vento atiçava um friozinho que lhe comia os dedos e as maçãs do rosto, sombras húmidas e frias entrelaçavam-se, e fiapos de luz atravessavam e mastigavam o soalho como uma preguiçosa procissão. Bocejou e puxou o robe, enquanto corria as cortinas, espreguiçando-se depois.

Então, arrastou os chinelos até à cozinha. Acendeu o fogão e deixou o fósforo por cima da geleira.

Pôs uma panela com água. Enquanto fervia água na chaleira elétrica e se atinha a sua meditação. Eva precisava preparar alguma coisa para aquecer o estômago e, antes, o banho do Júnior, e engomar a roupa dos homens da casa.

A cozinha ia, a pouco e pouco, agregando no seu espaço uma melodia lírica e cantada sussurradamente. Eis, resumidamente, o que parecia romper de dentro de Eva. Não pensava, portanto, na igreja que viu quando abriu a janela do quarto, nem nas ruas que se iam enchendo de sons ou do último livro que relera, *O Velho e o Mar*, tão cheio de desalentos e beleza, esse admirável pacote de memórias e subtis alegrias.

Não, não era isso que lhe punha em festa. O que lhe punha em festa era que agora, Victor e ela, tinham ido, no dia anterior, fazer o registo da data do casamento, o que lhe dilatou desmedidamente os olhos e o encanto. Sem conseguir ouvir o chiado da chaleira, que reverberava, formalmente interdita de se calar.

Victor entrou, pois, na cozinha e apagou o fogão, e logo disparou o botão da chaleira elétrica, nesse momento Eva notou a sua presença. Abraçou-o. Beijou-o. Aquele facto devolvia-lhe à imaginação as ideias ingénuas e fantasiosas da adolescência. E, com efeito, esta agradável resolução, sempre regulado aparentemente pelo mútuo consentimento,

devia mostrar e, efetivamente mostrava, um mar de alegria. Regalo que, afinal, a ninguém prejudicava.

Ora, no entanto, a notícia criou um rebuliço no círculo de relações do casal, pois não queriam acreditar que Victor levaria adiante àquela imprudência até as vias de facto. Não havia, contudo, nada a fazer contra aquilo, já há muito excedido. Parecia, até por todos os excessos, esta resolução excessivamente imprudente, defendiam os contrários peremptoriamente e, sem chance, acreditavam estes, em rebatimento. A experiência tinha mostrado tal facto.

Já os prós afiançavam que Victor não tinha por costume proceder sem antes refletir e que era aquela resolução, ainda que irrevogável, pensada, deixando aperceber que aquilo era uma questão de tempo. Embora as más-línguas dissessem ser aquilo a loucura levada ao altar a baixo preço.

Victor enlaçou as mãos e os braços eloquentes entre a cintura da Eva, enquanto adentrava fervorosamente em seu beijo, cujo aconchego agradou-a, fazendo-a entregar-se intensamente. Júnior dormia ainda um sono pesado, no qual haveria se ver acordado. Naquele momento, o sol filtrava uma luz indecisa, ao começar a subir no horizonte, coberto de nuvens. No entanto, a altura do sol aumentava ainda mais a claridade, tal parecendo um sinal eloquente de aprovação. Embora jazesse muito prosaicamente no

soalho e no mármore, que lhe davam um ar encantador através da vidraça das janelas. Mas com que olhos devíamos considerar isto, agora «cristalino» quando alguns barcos a vela passavam, silvavam e agitavam as águas do canal, frente a certos pássaros que se adejavam sobre o risco do céu e os passos deixados, na véspera, na praia e que se refazem ao longo de sua areia.

CAPÍTULO XXII
Anexo de um original

*Não olhamos a água que se precipita
os sinais que deixa
que não é o que se precipita
o rosto da voz que nos fala
ou nos interrompe a fala*

*Não dizemos do pavio o que nos cala
ou acalenta
feito de cordas ou arame farpado
sinais de vírgulas e sentidos*

*Acontece sermos esse nada que julgamos
sem sermos efetivamente vis
ou cobardes
embora nos seja um enigma a vida
ou o que dela nos resta
ou devemos*

*Como a todos assim parece
ou acontece ser
por termos que nos arrelia
ou nos dá felizes jantares
com persas como árabes entusiastas
ou reis nababos*

ponto do que somos e nada mais

*Mongóis de vírgulas e cacildas
cume de hastes sobre colinas
mantras ditos entre ocos ditosos soluções*

*Mesmo que nos doa ser esses tantos
que somos e não nos arrelia
pronunciados ininteligivelmente
quando nos aportam esses tantos
quanto somos
sem demagogia
sem árbitros
nem sentinelas*

Eva de Jesus
In Poemas para Não Acabar (no prelo)

* Passem a publicar este poema da Eva de Jesus, com uma fonte que o reverbere e o revalorize. Assim pelo cunho da mão dos editores desta revista fica conhecida a decisão, o seu original digitalizado está no *flash* que acompanha a presente folha.

ÍNDICE

Capítulo I	5
Capítulo II.....	17
Capítulo III.....	23
Capítulo IV.....	27
Capítulo V.....	33
Capítulo VI.....	41
Capítulo VII.....	47
Capítulo VIII.....	57
Capítulo IX.....	65
Capítulo X.....	71
Capítulo XI.....	75
Capítulo XII.....	81
Capítulo XIII.....	87
Capítulo XIV.....	99
Capítulo XV.....	107
Capítulo XVI.....	115
Capítulo XVII.....	125

Capítulo XVIII	131
Capítulo XIX	139
Capítulo XX	143
Capítulo XXI	151
Capítulo XXII Anexo de um original	155

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., dando corpo à sua missão de promoção e preservação da língua portuguesa e tendo em consideração a relevância de Eugénio Lisboa, enquanto cidadão e homem de cultura nascido em Moçambique, mas também como seu autor, e ntendeu criar este prémio literário, destinado a selecionar trabalhos inéditos de grande qualidade no domínio da prosa literária, incentivando desta forma a criação literária moçambicana.

**PRÉMIO
INCM
EUGÉNIO
LISBOA**

Obra distinguida com
a menção honrosa
do Prémio
INCM/Eugénio
Lisboa 2020

Léo Sidónio de Jesus Cote nasceu em 1981, em Maputo (Moçambique). Frequentou o curso de Linguística e Literatura na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Foi professor do ensino primário e secundário. Atualmente exerce a profissão de revisor linguístico. Fez igualmente parte do projeto JOAC (Jovens e Amigos da Cultura), entre 2003 e 2004. Em 2004 faz-se membro cofundador do grupo Arrabenta Xithokozelo, que passou a animar as noites de poesia e música no Modaskavalu (Teatro Avenida). Tem organizado e participado em recitais de poesia e em tertúlias literárias, tendo participado num programa de rádio, por um ano e meio, como leitor e comentador de obras literárias na Politécnica Rádio da Universidade Politécnica. Tem publicado *Carto Poemas de Sol a Sal* (2012) e *Poesia Total* (2013), este último resultado do prémio literário 10 de novembro do Concelho Municipal da Cidade de Maputo, o qual venceu em 2012. 2019 viu a sua reaparição literária com *Campo de Areia* sob a chancela da FFLC (Fundação Fernando Leite Couto) e em 2020 publica um pequeno *e-book* de poesia erótica, que se pode acessar gratuitamente através do link https://bit.ly/Eroticus_LeoCote, com o título *Eroticus: Onze Poemas e Uma Quadra sob Medida*.

ISBN 978-972-27-2977-2



9 789722 729772

Ao meio-dia, Eva entrou em casa. Afetava animosidade, mas a cena de há pouco a perturbara, precisava desabafar com alguém. Enfim, seguiu-se o almoço. Eva sentia muito vivamente a ausência de Victor e da amiga.

«Há aqui a epidemia do silêncio, com todo o serviço às costas, que não se tem como passar pelo seu cheiro sem tapar o nariz e se deter, antes de poder prosseguir. Os que passam indiferentes a isso são heróis anónimos. Somos pessoas e não excremento ou carne putrefacta. As putas também têm direitos. É sim, dirão alguns que não há nada a fazer, é o país que temos, como se tivesse que ser sempre assim. E veja que se apregoa a democracia, igualdade e coisa assim, quando só alguns têm tais privilégios. Como se pode viver assim e, principalmente, ter-se alguma felicidade? Na verdade, toda a alegria disfarça o azedume que se sente».

Eva levantou-se, sorrindo com ar contrafeito.

«Não posso apagar a história da minha existência passada», insistiu Eva de si para si. «Quando são os ladrões dos dinheiros públicos, a esses aplaudem, como se fossem os mais virtuosos homens.

Já as putas, a essas reduzem a esterco e a uma questão inconveniente. É deselegante sequer mencioná-las».

Eva parou interrogativamente e compreendeu a ironia de tudo aquilo. Viu a empregada a desaparecer pela porta da cozinha.

Apoio

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L